



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PAMPA/CAMPUS JAGUARÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO PROFISSIONAL

RELATÓRIO CRÍTICO-REFLEXIVO

**DESAFIOS ÉTICOS DO PROCESSO EDUCATIVO: A ANÁLISE DE UMA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

GRACIELA GONÇALVES ANDRADE

**Jaguarão/RS
2017**

GRACIELA GONÇALVES ANDRADE

**DESAFIOS ÉTICOS DO PROCESSO EDUCATIVO: A ANÁLISE DE UMA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Mestrado Profissional da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

**Jaguarão/RS
2017**

ANDRADE GONÇALVES, Graciela. Desafios éticos do processo educativo: a análise de uma intervenção pedagógica/ Graciela Gonçalves Andrade. 22/08/2017. 89 páginas.

Relatório - Universidade Federal do Pampa, Campus Jaguarão, 22/08/2017

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

1. Ética; 2. Profissão Docente 3. Gestão Democrática

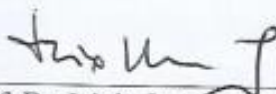
GRACIELA GONÇALVES ANDRADE

**DESAFIOS ÉTICOS DO PROCESSO EDUCATIVO: A ANÁLISE DE UMA
INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA**

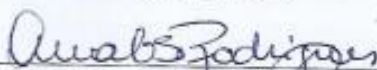
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Mestrado Profissional da Universidade
Federal do Pampa, como requisito parcial para
obtenção do Título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Educação.

Trabalho de Conclusão de Curso defendido e aprovado em: 22/08/2017

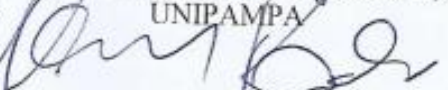
Banca examinadora:



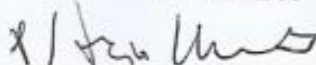
Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes
Orientador
UNIPAMPA



Prof.ª Dr.ª Ana Cristina da Silva Rodrigues
UNIPAMPA



Prof.ª Dr. Jefferson Marçal da Rocha
UNIPAMPA



Prof.ª Dr. Jaime José Zitkoski
UFRGS

Dedico este trabalho em especial a meu pai, que se vivo estivesse, expressaria imensa alegria por essa conquista. À minha mãe pelo exemplo e apoio constantes. Aos professores Lúcio Jorge Hammes e Jorge Antônio da Silva Sitó, pelo incentivo, embasamento e confiança em todos os momentos.

AGRADECIMENTO

Agradeço primeiramente a Deus por me conceder força, persistência e sabedoria para realizar o desejo de concluir mais uma etapa de aprendizado profissional e pessoal. A minha mãe pelo carinho, incentivo e apoio incondicional.

A Universidade Federal do Pampa, universidade pública, qualificada, que como tantas universidades está sofrendo as consequências dos atos irresponsáveis da política nacional, pela oportunidade de realizar o Mestrado e me abrir novos caminhos, oportunizar novas reflexões e aporte teórico tão importantes na nossa constituição como profissionais e como pessoas.

Aos nossos queridos professores que tanto contribuíram nessa construção, em especial, ao meu querido orientador, Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes pela paciência, gentileza e sabedoria nas orientações.

Ao professor Jorge Antônio da Silva Sitó, pela oportunidade e confiança que sempre depositou em mim.

Aos colegas Auristela Fernandes, Lilian Almeida e Anderson Iturbides, companheiros de viagem, estudo, momentos de alegrias e inseguranças, pelo carinho a mim dedicado e, principalmente por, em muitas situações, acreditarem no meu potencial muito mais do que eu mesma.

Aos colegas do Núcleo de Assessoria e Avaliação Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura de Alegrete, do qual fiz parte, pelo incentivo, amizade e pelo auxílio.

À cidade de Jaguarão, tão distante do meu Alegrete, pela acolhida.

Às escolas que atuo profissionalmente, especialmente, aos colegas da Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas, pela compreensão, parceria e acolhida ao desafio de participarem das rodas de conversa.

Enfim, a todos que direta ou indiretamente contribuíram na minha caminhada, me instigando continuamente a buscar novos conhecimentos, transformando desafios em possibilidades.

A todos meu muito obrigada.

“Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde...Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.”

(Paulo Freire)

RESUMO

Este Relatório Crítico- Reflexivo é resultado de uma pesquisa que teve por finalidade planejar e implementar espaços de formação ética na escola, centrado no estudo e discussão a respeito do comprometimento e corresponsabilidade dos professores no processo ensino-aprendizagem, na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas de Alegrete, RS/Brasil. Nessa perspectiva realizou-se uma pesquisa diagnóstica a fim de identificar os temas de interesse e demandas a serem estudados pelos sujeitos da pesquisa. A metodologia utilizada foi a intervenção pedagógica constituída por encontros para estudo e debate. A partir dos dados expressos na pesquisa diagnóstica, efetivou-se a realização dos encontros, denominados rodas de conversa, onde os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões, ler, dialogar e construir saberes a respeito da identidade profissional docente, a gestão democrática e a ética no contexto escolar, que foram as temáticas centrais que nortearam a pesquisa. Em termos de resultados da pesquisa os dados coletados revelaram que houve um grande envolvimento dos participantes com indicativo de continuidade do processo de estudo e reflexão na escola. A pesquisa revela a necessidade e importância da participação plena dos indivíduos e da formação continuada na escola, como elemento de crescimento profissional e superação das dificuldades encontradas no contexto escolar atual.

Palavras-chave: Ética; Profissão Docente; Gestão Democrática.

RESUMEN

Este Informe Crítico-Reflexivo es el resultado de una investigación que tuvo por finalidad planificar e implementar espacios de formación ética en la escuela, centrado en el estudio y discusión acerca del compromiso y corresponsabilidad de los profesores en el proceso enseñanza-aprendizaje, en la Escuela Estatal de Enseñanza Fundamental Eduardo Vargas de Alegrete, RS/Brasil. Con esa perspectiva se realizó una investigación diagnóstica a fin de identificar los temas de interés y demandas a ser estudiados por los sujetos de la investigación. La metodología utilizada fue la intervención pedagógica constituida por encuentros para estudio y debate. A partir de los datos expresados en la investigación diagnóstica, se efectuó la realización de los encuentros, denominados ruedas de conversación, donde los participantes tuvieron la oportunidad de expresar sus opiniones, leer, dialogar y construir saber acerca de la identidad profesional docente, la gestión democrática y la ética en el contexto escolar, fueron las temáticas centrales que guiaron la investigación. En términos de resultados de la investigación los datos recolectados revelaron que hubo una gran participación de los participantes con indicativo de continuidad del proceso de estudio y reflexión en la escuela. La investigación revela la necesidad e importancia de la participación plena de los individuos y de la formación continuada en la escuela, como elemento de crecimiento profesional y superación de las dificultades encontradas en el contexto escolar actual.

Palabras clave: Ética; Profesión Docente; Gestión Democrática

LISTA DE FIGURAS

Figura 01- Índice de Desenvolvimento da Educação Básica.....	19
Figura 02- Gráfico sobre gênero.....	20
Figura 03- Gráfico sobre o tempo de atuação no magistério.....	21
Figura 04- Provérbio.....	49
Figura 05- Escrita sobre identidade docente.....	58
Figura 06- Escrita sobre identidade profissional.....	59
Figura 07- Escrita sobre identidade docente.....	63
Figura 08- Fanzine.....	63
Figura 09- Escrita sobre o papel de cada um.....	64
Figura 10- Escrita sobre gestão democrática.....	70
Figura 11- Escrita sobre gestão participativa.....	70

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 A PESQUISA DIAGNÓSTICA	18
3 REFERENCIAL TEÓRICO	22
3.1 Profissão e identidade docente	22
3.2 Formação e elementos constituintes da identidade profissional docente	23
3.3 Ética no contexto escolar	26
3.4 Diferenciando ética e moral.....	27
3.5 Gestão Democrática na escola.....	29
4 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO.....	39
4.1 Método da Intervenção	40
4.2 O nosso café com prosa	42
4.3 Descrição das rodas de conversa	44
4.4 Método de avaliação da intervenção	56
4.5 Avaliação da Intervenção	57
5 ANÁLISE INTERPRETATIVA E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	59
5.1 Profissão Docente	60
5.2 Como os professores compreendem e constroem sua identidade profissional docente?.....	60
5.3 Influência da atual conjuntura do trabalho docente na prática escolar?	63
5.4 Está instaurada uma crise da profissão docente?.....	64
5.5 Ética na escola	66
5.6 Como os professores percebem as relações da ética com a prática na escola?	66
5.7 Gestão Democrática.....	71
5.8 A escola promove ações de gestão democrática?.....	71
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.
7 REFERÊNCIAS.....	79
8 APÊNDICES	84
8.1 APÊNDICE A:Entrevista	Erro! Indicador não definido.
8.2 APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre Esclarecido.....	84
8.3 APÊNDICE C: Ficha com dados de identificação dos participantes	85
8.4 APÊNDICE D: Convite aos participantes	87
8.5 APÊNDICE E: Modelo da Carteira de Identidade	88

1 INTRODUÇÃO

Este Relatório Crítico-Reflexivo resulta de uma pesquisa e intervenção que teve por objetivo planejar e implementar espaços de formação ética na escola, centrado no estudo e discussão a respeito do comprometimento e corresponsabilidade dos professores no processo ensino-aprendizagem. Posterior à intervenção avaliaram-se as aprendizagens decorrentes dela na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas, no município de Alegrete- Rio Grande do Sul(RS) e sua importância enquanto processo de formação.

O propósito de realizar este estudo surgiu da inquietude enquanto Diretora Pedagógica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura e como docente de uma turma de anos iniciais numa Escola Estadual. Tal inquietude referia-se especialmente à profissionalização e identidade docente, às não aprendizagens dos alunos na escola, a ausência de reflexão sobre a ética no contexto escolar, a falta de formação continuada, os modelos de gestão pedagógica e administrativa, a gestão tanto do tempo, quanto dos recursos disponíveis na escola e a culpabilidade instaurada em relação ao fracasso escolar e profissional.

Como se dá o processo de constituição da equipe gestora na escola? Existem formas de participação democrática efetiva e não tutelada da comunidade escolar? Que espaços pedagógicos de reflexão e formação são oportunizados para os professores? De que forma a equipe gestora e os docentes interagem com os processos de aprendizagens realizados no ambiente escolar? Como a formação continuada influencia no desenvolvimento das práticas educativas na escola? Que matriz teórica é utilizada nas práticas realizadas na escola? Que estratégias poderiam ser empregadas no contexto escolar a fim de qualificá-lo?

Esses foram alguns dos questionamentos que afloraram em função da minha prática pedagógica e motivaram a realização dessa pesquisa. Tais questionamentos não serão necessariamente respondidos nesse trabalho, mas serviram para me desacomodar, levando-me a refletir sobre que práticas pedagógicas dariam conta dos desafios presentes na escola hoje, além de promover um intenso envolvimento teórico na busca de respostas para as dúvidas levantadas.

Para compreender melhor a temática referida nos questionamentos que me inquietaram, considero importante contextualizar minha trajetória profissional, que teve início no ano de 1997 quando fui nomeada no Concurso Público da Prefeitura Municipal de Alegrete- Rio Grande do Sul (RS) para atuar como docente de anos iniciais numa escola da periferia da cidade. Minha experiência até então se dava no Colégio Divino Coração, escola da rede privada,

localizada no centro da cidade, confessional católica, administrada pelas irmãs da Congregação de Santa Catarina, onde eu atuava também como docente dos anos iniciais e permaneci por dezesseis anos. Por trabalhar em duas realidades bem diferentes, caracterizadas não só pela questão socioeconômica mas também pelo método educacional que utilizavam, dediquei-me a estudar para enfrentar os desafios que a profissão me apresentava. Meu contato com atividades docentes vêm desde a infância, já que sou filha de professora. O ato de “dar aulas” e “ensinar” sempre esteve presente nas minhas brincadeiras e na escola, onde ao terminar minhas tarefas, solicitava da professora permissão para “ensinar” meus colegas. Sempre tive atitude crítica diante das imposições daquela educação bancária que tínhamos na época. Frequentemente questionava: “Para que temos que aprender isso?” “Em que iremos utilizar?”

Minha atuação como Diretora Pedagógica da Rede de Ensino Municipal, começou em 2012 e me trouxe grandes desafios tanto em âmbito das relações profissionais, quanto interpessoais. Na Secretaria de Educação e Cultura, fui gestora do Núcleo de Assessoria e Avaliação Pedagógica- NAAP, liderando um grupo de quinze profissionais muito qualificados, que atuavam nas áreas de Inclusão e Diversidade, Educação Física, Linguagem e Códigos, Ciências Sociais e Naturais, Matemática, Anos Iniciais (Ciclo de Alfabetização e Pós-Alfabetização) Anos Finais do Ensino Fundamental, Ensino Médio, Gestão Escolar e Educação Infantil. Coordenamos 34 escolas da Rede Municipal de Ensino, sendo 24 na área urbana e 10 na área rural. Dentre muitas coisas que fizemos, planejamos e articulamos coletivamente diversos processos de Formação Continuada para os Trabalhadores em Educação do Município. Por essa razão, coordenei muitos grupos de estudo e reflexão acerca das questões educacionais que inquietam os(as) educadores(as) atualmente, dos quais destaco: A Semana Municipal de Debates do Pensamento Freireano, O Seminário Latino Americano de Educação e Cultura, a Semana Municipal de Inclusão e Diversidade, O Projeto Cinco e Meia, Ciclo de Diálogos do NAAP, Encontro de Colegiados, Lições de uma Escola Gestora, Políticas Públicas e Gestão Democrática.

O processo de formação continuada favorece nosso crescimento profissional e interpessoal, além de aproximar a Mantenedora dos reais problemas enfrentados no contexto escolar. Não acredito em Educação pensada em gabinetes e em projetos que ficam em gavetas, talvez seja por isso, que nunca me distanciei da docência, do chão da sala de aula, pois é lá que tudo o que se diz ou se pensa sobre educação irá acontecer, ou não. Vem deste meu modo de pensar e dos acúmulos das vivências adquiridas, a minha identificação com a temática “Ética e Conduta Profissional”. A escola configura-se como um espaço propício para o desenvolvimento

da cidadania plena, desde que seus processos sejam pautados pelo compromisso de todos e todas com a efetivação da aprendizagem e consequente cumprimento da função social da escola.

A graduação em Educação Física me fez perceber o quanto se educa por meio do movimento, o quanto a atividade de pensar é o movimento necessário para aquisição do conhecimento. Na graduação me deparei com teóricos que defendiam o movimento como ato educativo, como instrumento necessário para romper com toda a atitude opressora que inibe a autoria e o protagonismo de quem faz a educação acontecer nos espaços escolares.

Dialogando com colegas educadores, surpreendia-me ao ouvir deles a negação da atividade docente como uma atividade política e sua consequente participação e corresponsabilidade na definição dos objetivos políticos-pedagógicos no planejamento de ensino e mais uma vez, me deparei com as questões de Ética no contexto escolar.

E assim, durante minha atuação profissional, as questões de ética perpassaram todos os processos que ousei desenvolver. Nas formações foi visível evidenciar o descomprometimento dos educadores e gestores com o processo ensino-aprendizagem e com sua própria qualificação profissional. Ouso dizer que nos defrontamos com a “desprofissionalização” dos profissionais da educação, ao banalizarem e não valorizarem o espaço educativo como espaço de constituição da cidadania. Se os índices de alfabetização estão baixos, por exemplo, existe uma culpabilidade no sistema, no salário, no currículo, nas condições físicas das escolas e por aí vai, menos no fazer pedagógico do professor em sala de aula e da gestão na escola, como diz Labaree (1999, p.20):

Há uma série de razões para crer que o caminho para a profissionalização dos docentes encontra-se cheio de crateras e areias movediças: os problemas próprios que surgem ao tentar promover os critérios profissionais dentro de uma profissão tão massificada, a possibilidade de desvalorização das habilitações como consequência do aumento dos requisitos educativos, a herança niveladora dos sindicatos dos professores, a posição histórica da docência como forma de trabalho própria de mulheres, a resistência que oferecem os pais, os cidadãos e os políticos à reivindicação do controle profissional das escolas, o fato de a docência ter demorado a se incorporar a um campo infestado de trabalhos profissionalizados, a prévia profissionalização dos administradores das escolas e o excessivo poder da burocracia administrativa, a prolongada tradição de realizar reformas educacionais por meio burocráticos (...) e a diversidade de entornos em que se dá a formação dos professores.

Me aventuro a desenvolver esta temática pela inquietude que ela me provoca. Penso que de nada adiantarão as novas metodologias, a tecnologia, os recursos materiais, os programas, as políticas públicas para a educação, se não tivermos compromisso ético com o nosso fazer na escola.

Outro ponto importante percebido na escola, foi no que se refere a falta do bem estar do docente, sendo necessário identificar os fatores e compreender as dinâmicas que geram e mantêm o profissional comprometido ou não com a práxis. Passei a analisar as histórias de vida dos profissionais da educação buscando a constatação de indícios do que gerava prazer e bem-estar no trabalho, possibilitando a suposição de que o trabalho docente também pode se fonte de prazer e bem-estar.

Essas experiências profissionais, além de terem suscitado a realização do Mestrado Profissional do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu), na Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA), como tentativa de discutir as questões inicialmente colocadas, auxiliaram para que pudesse compreender e agregar conhecimentos sobre as questões da ética no contexto escolar.

Atualmente atuo como docente de anos iniciais em duas escolas públicas no município de Alegrete, uma Estadual e a outra Municipal. O retorno para sala de aula na rede municipal traz novas possibilidades de convívio diário com os colegas e equipe gestora.

Dessa forma, o presente trabalho justificou-se primeiramente pela necessidade de repensar a profissão docente diante dos desafios educacionais encontrados na escola atualmente, e conseqüente exiguidade dos processos de formação continuada destinada aos professores e gestores. Imbernón (2000), faz um resgate histórico da profissão docente, dizendo:

Historicamente, a profissão docente, ou seja, a assunção de uma certa profissionalidade (uma vez que a docência é assumida como “profissão” genérica e não como ofício, já que no contexto social sempre foi considerada como uma semiprofissão) caracterizava-se pelo estabelecimento de alguns traços em que predominava o conhecimento objetivo, o conhecimento das disciplinas à imagem e semelhança de outras profissões. Saber, ou seja, possuir um certo conhecimento formal, era assumir a capacidade de ensiná-lo (p.13).

Em segundo lugar, este trabalho se justificou pela necessidade de construir estratégias para qualificar as práticas pedagógicas e administrativas realizadas na escola a fim da melhoria do ensino ofertado, baseado no levantamento feito por meio de entrevistas com professores e gestores, além da análise dos índices de aprendizagens dos alunos. Analisar o modelo de gestão e refletir sobre a gestão democrática foram necessários para compreender os procedimentos adotados na escola.

A Gestão Democrática é uma forma de conduzir a escola possibilitando a participação, transparência e o exercício da democracia.

A gestão democrática da educação é cada vez mais exigida para que a escola cumpra sua função educativa. O crescimento desta exigência decorre da própria essencialidade do trabalho pedagógico e do contexto no qual a educação se realiza. (WITTMANN, 2004, p.11).

A continuidade deste estudo está assim organizada: revisão da literatura, distribuída em três capítulos. Primeiramente, com a profissão e identidade docente. Nesse capítulo trago um resgate histórico da profissionalização docente aliada às transformações sociais ocorridas que deram origem ao contexto atual.

Vem se percebendo, ao longo das últimas décadas, uma preocupação comum, entre os professores. Preocupação para dominar saberes, para melhor se qualificar, para adequar sua função social aos novos tempos, novos conhecimentos, novas tecnologias. Nem por isso eles vêm conseguindo um maior reconhecimento social. Há sem dúvida, algo mais profundo na questão: uma reflexão sobre o sentido social de sua condição de mestre. Esta deve ser a maior preocupação. Este deve ser o caminho para a busca da identidade social e o reconhecimento profissional. Uma tentativa de formar um perfil ou uma cultura não se consegue somando conhecimentos ou especializações, mas antes de tudo, se consegue formando uma consciência de classe, definindo papéis e se preparando para atuar em seu tempo e espaço (ARROYO, 2002).

No segundo capítulo, discuto as questões da ética no contexto escolar como elemento que permeia todas as ações educativas. Por que a escola ainda tem tanta dificuldade em formar também para a dimensão ética? Lodi (2010), apresenta as questões éticas na prática escolar, argumentando:

Quando se fala em ética na educação, precisamos considerar que as implicações educacionais desse fazer se dão a partir do apelo à humanidade advindo de outrem e a possibilidade de uma resposta incondicionalmente responsável. Uma pedagogia da ética começa pelo respeito ao outro, à humanidade que se mostra a partir de outrem (p.78).

A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, institui que a escola é um espaço de formação de cidadãos e de difusão de valores que expressem a cidadania e a ética, mas não considera que a ideia da educação como formação do homem e do cidadão, pressupõe que a escola também deva ser pensada como um espaço no qual estes valores estejam presentes. Para que a escola seja inspiradora de valores éticos, é preciso que ela também seja um espaço ético, operando por meios éticos (LODI, 2010).

No terceiro capítulo, apresento a gestão democrática como mecanismo viabilizador da participação da comunidade escolar, como sujeitos corresponsáveis pelos processos educativos que acontecem na escola.

Segundo Libâneo (2000), as formas convencionais de representação política (escolha de representantes pelo voto) continuam em vigor, mas sabe-se que as camadas populares levam desvantagem na efetivação da participação política em relação às classes dominantes. Esses são alguns obstáculos à organização dos movimentos populares e, em consequência, à participação popular nos processos decisórios, inclusive na escola.

A LDB, Lei de Diretrizes e Bases da Educação, garante a gestão democrática na escola representando uma grande conquista da educação brasileira, passando assim a refletir a participação efetiva da comunidade escolar em prol de um trabalho coletivo e participativo pretendendo resultados educativos amplos e significativos.

O quarto capítulo refere-se ao procedimento metodológico desenvolvido, descrevendo como aconteceram as rodas de conversa, que tiveram como norte os temas de interesse do grupo. Na continuidade apresento o contexto escolar e os sujeitos da pesquisa. Posterior a esse relato, descrevo os instrumentos de avaliação da intervenção.

Finalizo esse Relatório Crítico- Reflexivo com a análise interpretativa e discussão dos dados coletados, com base nos saberes decorrentes do processo de intervenção pedagógica realizado por meio das rodas de conversas, que disserta sobre as aprendizagens dos sujeitos participantes da pesquisa durante o desenvolvimento da intervenção e as mudanças ocorridas nesse processo. Apresento as inquietações e balizamentos oriundos do processo de intervenção, discorrendo sobre as dificuldades e limitações encontradas durante a realização das rodas de conversa e que permaneceram presentes no grupo.

2 A PESQUISA DIAGNÓSTICA

A Pesquisa Diagnóstica teve como objetivo caracterizar o contexto e sujeitos da pesquisa, bem como investigar os temas de interesse e demandas do grupo de professores que participaram do processo de intervenção pedagógica.

A intervenção aconteceu na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas, situada no Bairro São João, periferia do município de Alegrete.

A Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas, fundada em 05 de fevereiro do ano de 1962, conforme decreto de criação nº13.126/ 1962, pertence à 10ª Coordenadoria Estadual de Educação com sede no município de Uruguaiiana. No momento da pesquisa, contava com cento e setenta e dois (172) alunos, distribuídos em dois turnos de funcionamento (manhã e tarde). O grupo era constituído por dez(10) funcionárias, vinte e um (21) professores, uma intérprete de libras e dois (02) monitores para alunos com deficiência. Dos professores, dezessete (17) eram efetivos e quatro (04) eram contratados. A equipe gestora era formada pelo Diretor, duas Vice-Diretoras e uma Supervisora Escolar. Dos cento e setenta e dois (172) alunos matriculados, cinquenta e sete (57) recebiam o benefício do Programa Bolsa Família.

A escola participava do Programa Mais Educação, que oferta educação em tempo integral por meio de oficinas em turno inverso aos alunos. Nesse ano, a escola desenvolvia por meio desse programa as oficinas de Letramento, Matemática e Musicalização.

O Programa Mais Educação instituído pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e pelo Decreto nº 7.083, de 27 de janeiro de 2010, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), como uma estratégia do Governo Federal para introduzir a ampliação da jornada escolar e a organização curricular na perspectiva da Educação Integral. Essa estratégia promove a ampliação de tempos, espaços, oportunidades educativas e o compartilhamento da tarefa de educar entre os profissionais da educação e de outras áreas.

A equipe gestora da escola foi efetivada por meio de indicação da 10ª Coordenadoria Estadual de Educação, tendo em vista que não houve candidatos no processo de eleição de diretores, realizado no ano anterior, no qual foi mantido o atual gestor.

Um dado importante de ser observado é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) da escola, nos anos iniciais (4ªsérie/5ºano) que obteve uma queda na média conforme tabela abaixo:

Figura 01: Índice de Desenvolvimento de Educação Básica

IDEB - Resultados e Metas

Parâmetros da Pesquisa

Resultado: UF:

Município: Nome da Escola:

Rede de ensino: Série / Ano:

4ª série / 5º ano 8ª série / 9º ano

Escola	Ideb Observado					Metas Projetadas							
	2005	2007	2009	2011	2013	2007	2009	2011	2013	2015	2017	2019	2021
ESC EST DE ENS FUND EDUARDO VARGAS		5.1	5.2		4.9		5.3	5.6	5.9	6.1	6.4	6.6	6.8

O IDEB¹ é o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica, criado em 2007, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep), formulado para medir a qualidade do aprendizado nacional e estabelecer metas para a melhoria do ensino e representa a iniciativa pioneira de reunir em um só indicador dois conceitos igualmente importantes para a qualidade da educação: fluxo escolar e médias de desempenho nas avaliações. Ele agrega ao enfoque pedagógico dos resultados das avaliações em larga escala do Inep a possibilidade de resultados sintéticos, facilmente assimiláveis, e que permitem traçar metas de qualidade educacional para os sistemas. O indicador é calculado a partir dos dados sobre aprovação escolar, obtidos no Censo Escolar e médias de desempenho nas avaliações do Inep, o Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb)- para as unidades da federação e para o país, e a Prova Brasil²- para os municípios.

Os sujeitos dessa pesquisa foram os professores que atuavam nos Anos Iniciais, no turno da tarde, cujo perfil compreendia pessoas na faixa etária dos trinta aos cinquenta anos de idade. Foram denominados “professor(a) 1, 2,3...” e assim sucessivamente, a fim de preservar suas identidades. Apresentavam diferentes áreas de formação, conforme demonstra a tabela:

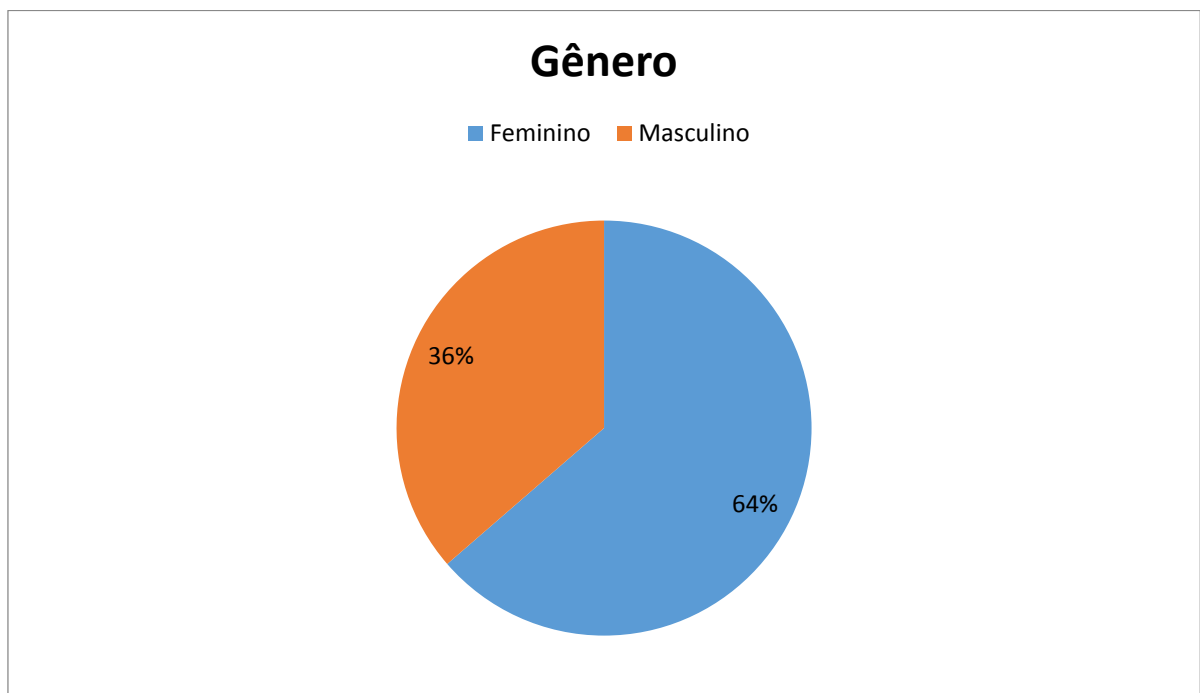
Sujeitos	Formação Inicial	Graduação
1	Ensino Médio	Pedagogia
2	Técnico em Contabilidade	Matemática
3	Ensino Médio	Pedagogia/ Química

¹ Disponível em <http://ideb.inep.gov.br/>. Acesso em out. 2017.

² A Prova Brasil e o Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são avaliações para diagnóstico, em larga escala, desenvolvidas pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep/MEC). Têm o objetivo de avaliar a qualidade do ensino oferecido pelo sistema educacional brasileiro a partir de testes padronizados e questionários socioeconômicos.

4	Magistério	Pedagogia
5	Magistério	Pedagogia
6	Magistério	Estudos Sociais
7	Magistério	Pedagogia
8	Auxiliar de Laboratório	Matemática
9	Magistério	Pedagogia
10	Magistério	Pedagogia
11	Ensino Médio	

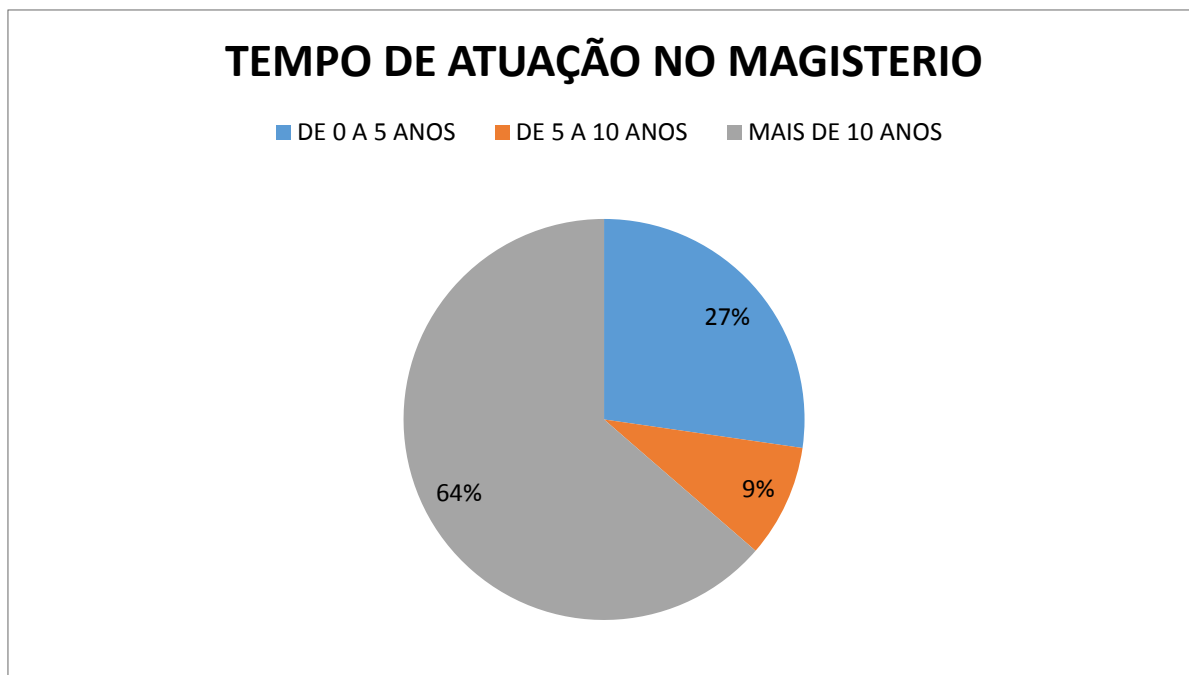
Figura 02: Gráfico Questão de Gênero do sujeitos de pesquisa



Fonte: entrevista com os sujeitos de pesquisa

Gráfico 01 - Elaborado pela autora

Figura 03: Gráfico do tempo de atuação dos professores no magistério



Fonte: entrevistas feitas com os sujeitos de pesquisa

Gráfico 02- Elaborado pela autora

Durante as entrevistas realizadas os professores demonstraram muito interesse em participar das rodas de conversa e discutir as temáticas pertinentes na escola e que os inquietam, por várias vezes travando o processo ensino-aprendizagem. Das questões levantadas pelos mesmos, a questão da profissão docente e da gestão foram as que mereceram destaque.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 Profissão e identidade docente

Para tratar da constituição da identidade profissional, faz-se necessário abordar a definição da palavra “profissão”, além de alguns estudos sobre a análise do seu significado social. A palavra “profissão” se refere a uma “[...] atividade regular e específica de trabalho que exige conhecimentos especializados e requer grupos preparados; ofício; carreira”. (SACCONI, 2010, p. 1673-1674). Este significado, utilizado no cotidiano, serve para o aprofundamento do estudo para um melhor embasamento dos argumentos sobre a identidade profissional do indivíduo.

Os estudos sociológicos e históricos mostram que, antes da expansão das Universidades, a partir do séc. XIII, o “trabalho” era considerado uma arte e se relacionava com as corporações das quais faziam parte as artes liberais e as mecânicas, os artistas e os artesãos, os intelectuais e os trabalhadores manuais. De acordo com Dubar (1997), o termo “profissão” deriva da “profissão de fé” consumada em cerimônias de entronização nas corporações. Com a expansão e a consolidação das Universidades, as artes liberais e as artes mecânicas se dissociaram, chegando a uma oposição entre as “profissões,” derivadas das artes liberais que se ensinavam nas Universidades, e os “ofícios”, derivados das artes mecânicas, tornaram-se desvalorizadas por serem práticas e manuais.

Desta forma, observa-se uma oposição entre “profissões” e “ofícios,” socialmente classificadora, que se reproduziu ao longo dos séculos, mesmo que profissões e ofícios participem do mesmo modelo de origem. Algumas profissões sofreram distinções sociais, separando o que é considerado intelectual do que é manual, ou prático.

A “profissão” apresenta os seguintes aspectos: a propriedade de uma formação profissional em estabelecimentos especializados; um controle técnico e ético nas atividades exercidas; um controle legal e organizado das atividades profissionais; a pertença a uma comunidade real; a partilha de interesses de uma identidade profissional, e rendimentos de prestígio e de poder. A comunidade ética e o saber científico são considerados características específicas e inseparáveis de uma profissão numa visão funcionalista (DUBAR, 1997, p.131).

Os estudos sobre as profissões são, muitas vezes, divergentes, ora priorizando a socialização profissional, ora remetendo à sociologia do trabalho. A comunidade ética e o saber científico são considerados características específicas e inseparáveis de uma profissão numa

visão funcionalista. Na perspectiva analítica, proposta pelas correntes funcionalistas, pressupõe-se uma determinada homogeneidade interna das profissões, que se caracterizaria pela existência de regras, normas e valores comuns, compartilhados por todos os membros de uma determinada categoria profissional. Sob esse ponto de vista, as profissões liberais clássicas se destacam, sendo a docência considerada por muitos autores como uma semiprofissão (CARDOSO, 2010, p.41). Quanto a este aspecto, entende-se que a identidade profissional docente merece um olhar diferenciado, tendo em vista que é uma construção social influenciada por diferentes fatores (histórias de vida, condições de trabalho, imaginário social) e que resultam nas representações que os docentes fazem de si e das funções que exercem.

Como se pode ver, a relação entre identidade e profissão envolve inúmeros fatores ao longo de um processo, tendo, como pressuposto, a participação ativa do indivíduo que busca integrar os saberes teóricos à sua prática num processo contínuo ao longo da carreira profissional.

3.2 Formação e elementos constituintes da identidade profissional docente

A formação da identidade profissional docente ocorre, inicialmente, na infância, nos primeiros anos de escolaridade, quando o indivíduo estabelece os seus primeiros contatos com a figura do professor. A forma como o professor estabelece as relações em sala de aula e direciona a sua prática, são, em grande parte, influenciadas pela tradição pedagógica que vivenciou na escolarização e na formação inicial.

A trajetória pré-profissional, referente à socialização primária e à socialização escolar, tem grande peso na aquisição de saberes, que são mobilizados e utilizados na socialização profissional e no exercício do magistério. Assim, a competência profissional e a identidade profissional docente se desenvolvem ao longo da trajetória profissional, no âmbito de uma carreira ou “processo temporal de vida profissional de longa duração no qual estão presentes dimensões identitárias e dimensões de socialização profissional, além de fases e mudanças” (TARDIF, 2007, p.70).

A aquisição de saberes de uma profissão possui uma dimensão identitária, pois contribui para que o professor assuma um compromisso profissional. Os estudos a respeito dos saberes profissionais abordam a capacidade dos professores mobilizarem novos saberes a partir da reelaboração dos adquiridos na formação inicial, usando-os para reavaliar a sua própria prática num processo de auto formação.

Um professor competente, portanto, é o que mobiliza seus conhecimentos para superar os desafios de sua profissão e proporciona aos alunos oportunidades de aprenderem de forma efetiva, com qualidade, constituindo-se “como sujeito que desenvolve suas capacidades subjetivas, intelectuais e práticas” (LIBÂNEO, 2008, p.56)

Os saberes profissionais são construídos no decorrer da carreira de professor e dependem da personalidade de cada indivíduo, bem como das relações que ele estabelece no coletivo da instituição em que trabalha. Os saberes experienciais, adquiridos na fase inicial da carreira, constituem a base dos saberes profissionais e abrangem aspectos de domínio cognitivo e instrumental do papel de professor através dos quais a identidade profissional vai sendo constituída.

Libâneo (2008, p. 75) comenta que a profissionalização refere-se às condições ideais que garantem o exercício profissional de qualidade, ou seja, a formação inicial e a formação continuada nas quais o professor aprende e desenvolve suas habilidades, constrói e desenvolve saberes e atitudes profissionais. Aliadas à formação, está a remuneração adequada ao exercício, a natureza da profissão e as condições de trabalho. A profissionalização e o profissionalismo se complementam, pois este se refere ao desempenho e ao compromisso do professor com os deveres, as responsabilidades, o comportamento ético e político e as atitudes que constituem a especificidade da sua prática profissional.

A desvalorização social e econômica do professor interfere na imagem da profissão docente, prejudicando, de certa forma, a constituição da identidade dos futuros profissionais. Isto acontece porque a identidade com a profissão diz respeito ao significado pessoal e social que a profissão tem para o indivíduo. Libâneo (2008) sinaliza que, se o professor perder o significado do trabalho, para si ou para a sociedade, ele perderá a identidade com a sua profissão. Daí a necessidade de a formação continuada contemplar aspectos que possam substituir esta perda, como o mal-estar, a frustração e a desvalorização que acarretam, também, a baixa autoestima dos professores.

A identidade profissional docente tem uma dimensão motivacional, pois se relaciona com o projeto profissional individual, as motivações da escolha da profissão, o gosto pelo ensino, as condições e perspectivas do trabalho e as representações. Também apresenta uma dimensão representacional por relacionar-se com a imagem que o professor faz da profissão. Essas imagens são construídas nas experiências anteriores ao exercício da docência e integram a percepção que o professor faz de si, enquanto docente, e as crenças e os conhecimentos, sobre ensino, como atividade profissional.

A identidade profissional docente também apresenta uma dimensão sócio profissional, pois se baseia nos processos que envolvem as relações estabelecidas no ambiente escolar, a preparação para exercer a profissão e a sua prática. Estas dimensões interagem num processo dinâmico, tendo por base a formação profissional.

A existência de uma identidade comum a todos os docentes diz respeito a uma cultura profissional partilhada, caracterizada por modos de perceber e de agir particulares, a partir de normas, regras, valores próprios da profissão docente. Essa cultura pressupõe uma socialização específica, a profissional e está ligada a múltiplas trajetórias dos indivíduos e pertencimentos sociais – sexo, idade, religião, classe social – num contexto temporal e espacial (CARDOSO, 2010).

A identidade profissional relaciona-se com o significado que a profissão tem para a pessoa. Aspectos como o mal-estar, a frustração, a desvalorização podem resultar no enfraquecimento ou, até mesmo, na perda da identidade profissional. Contudo, a recuperação do significado social da profissão é possível por meio da qualificação do professor, valorização do seu trabalho e envolvimento com as questões referentes à sua categoria. Por isso, tais questões, que fazem parte do cotidiano do professor, têm de ser pauta das formações, possibilitando o desenvolvimento profissional e pessoal dos participantes.

Pode-se afirmar que os elementos constituintes da identidade profissional docente são o contexto sócio histórico, a formação profissional inicial e a trajetória profissional individual ou de grupo. As vivências, como aluno, corroboram para o “ser professor”, por meio das relações estabelecidas e dos aspectos positivos ou negativos do percurso escolar. Fazer parte do ambiente escolar e participar dos processos concernentes à docência, como planejamentos, avaliação e ensino, constitui o papel do professor na instituição escolar. Contudo, a identidade profissional não é única, pois se transforma ao longo dos caminhos percorridos numa constituição dialética dentro de um espaço de trocas, experiências diversas, mudanças e conflitos.

A carreira dos professores é um processo temporal, marcado pela construção do saber profissional. Os professores se tornam o que são por meio da prática e da sua experiência escolar anterior, bem como dos saberes que provêm de diferentes fontes, momentos de vida e da carreira profissional (TARDIF, 2007, p. 69).

Nóvoa (1992), ao questionar-se sobre como o docente se torna o que é, menciona a relevância da adesão, da ação e da autoconsciência na escolha profissional. Na visão do autor, ser professor implica a adesão a valores e princípios da profissão e ao investimento nas

potencialidades dos alunos; a ação diz respeito às escolhas e decisões com relação a métodos e a técnicas que melhor se identificam com a maneira do professor ser e atuar; finalmente, a autoconsciência relaciona-se com a reflexão pela qual o professor leva a término a sua ação.

Neste contexto, a identidade profissional envolve a forma como o professor define a si e aos demais que fazem parte do seu grupo profissional. A constituição do “eu” profissional desenvolve-se ao longo da carreira, de forma pessoal e coletiva, sofre influências das instituições em que o professor atua e inclui o compromisso com a profissão, o conhecimento sobre o que se ensina, o papel que desempenha, as experiências vivenciadas e os desafios profissionais.

Assim, a constituição da identidade docente está vinculada à relação que o professor tem com sua profissão, ao comprometimento com a mesma, ao papel que desempenha, à imagem que tem de si mesmo (componente biográfico- identidade para si) e da percepção da imagem que os outros têm dele (componente relacional – identidade para os outros), já que a constituição da identidade tem caráter social, resultando do significado que o professor confere a sua atividade no cotidiano a partir de suas crenças, histórias de vida, saberes e representações. A identidade profissional docente é, portanto, um instrumento de reconhecimento do professor que aplica um conhecimento científico, compartilha objetivos e projetos, e desenvolve-se numa trajetória social e profissional.

3.3 Ética no contexto escolar

Mais do que nunca as questões de ética estão presentes nos contextos escolares. Há uma inquietude na busca de justificativas para o fracasso escolar, bem como, dos papéis que cada um e cada uma ocupa, ou deveria ocupar, no processo ensino-aprendizagem.

A busca pelo ensino de aprendizagens significativas, a reinvenção dos currículos, a ampliação da jornada do tempo do aluno na escola, a gestão democrática, o analfabetismo funcional, a inclusão escolar, são algumas das temáticas presentes hoje no cenário das escolas. De quem é a responsabilidade pelo acesso, permanência e sucesso escolar? Penso que deveria ser de todos os envolvidos direta ou indiretamente com este processo.

A educação é um processo fundamental, de acordo com Teles (1996, p.15) “a palavra educação, originalmente ‘educare’ tem o significado de extrair, pôr para fora, no sentido de fazer crescer, desenvolver e desabrochar”.

Pensar uma equipe gestora que dê conta da demanda expressa hoje nas escolas, requer considerá-la como corresponsável pela gestão dos inúmeros processos desenvolvidos, inclusive pela gestão das aprendizagens.

Uma equipe gestora que não se compromete com o processo de ensinar e aprender, dificilmente atua de forma ética na instituição que administra.

Atualmente pode-se dizer que a escola vive uma crise de autoridade e de obsolência. O conhecimento que em tempos anteriores tinha a escola como espaço privilegiado, hoje migra para outros espaços. Emerge na escola a necessidade de produção de um paradigma de conhecimento, capaz de desenvolver competências e habilidades articuladas com os desafios da vida concreta.

Pensar a ética na escola como um meio para provocar a reflexão crítica dos processos realizados, constitui-se num caminho capaz de promover mudanças positivas no contexto escolar.

3.4 Diferenciando ética e moral

Ao falar sobre ética, inicialmente faz-se necessário fazer a diferenciação entre ética e moral, por serem duas palavras comumente empregadas como sinônimos (*mores*, no latim, e *ethos*, no grego). Conforme o Dicionário Aurélio Buarque de Holanda, ética e moral são “o estudo dos juízos de apreciação que se referem à conduta humana susceptível de qualificação do ponto de vista do bem e do mal, seja relativamente à determinada sociedade, seja de modo absoluto” (p.300; p.471).

Apesar das palavras que os designam terem a mesma origem etimológica, historicamente os conceitos de ética e moral incorporam significações diferentes. Em âmbito filosófico, define-se moral como um conjunto de princípios, crenças, regras que orientam o comportamento dos indivíduos nas diversas sociedades, e a ética como a reflexão crítica sobre a moral.

No contexto escolar, a moral apresenta-se por meio de regras pré-estabelecidas, normas a serem cumpridas, expressas em seus Regimentos Escolares, Projetos Políticos Pedagógicos e Planos de Estudos. A escola constitui-se como o principal ambiente para se dialogar acerca de questões éticas, pela riqueza de possibilidades que evidenciam a ética como um meio capaz de permitir um clima relacional saudável entre os atores educacionais.

Conforme os Parâmetros Curriculares Nacionais, a diferenciação que se faz na contemporaneidade entre ética e moral, tem a intenção de salientar o caráter crítico da reflexão, que permite um distanciamento da ação, para analisá-la permanentemente e reformulá-la, sempre que necessário. Por ser reflexiva, a ética tem um caráter teórico, o que não significa, que seja abstrata, ou metafísica, descolada das ações concretas. O exercício da reflexão não acontece por mera vontade, faz-se necessário uma provocação para que ele aconteça. A crítica é estimulada por situações problemas do cotidiano. Sendo assim, a reflexão ética acontece porque se encontra intensamente ligada a essas ações, nos diferentes contextos sociais. No contexto escolar, cenário onde transitam diversos atores, realidades, situações, a ética está presente, uma vez que está vinculada às relações estabelecidas.

Há uma culpabilidade instaurada atualmente na escola, procurando responsabilizar alguém pelos índices de não-aprendizagens, passando pela competência da família, da sociedade, do professor, do aluno, dos gestores, do sistema e por aí vai. Mas poucos estabelecem a reflexão ética de que este é um problema onde todos precisam se comprometer. Do mesmo modo, que se constata melhorias significativas na qualidade de ensino das escolas em que a equipe gestora se envolve como partícipe do processo ensino-aprendizagem.

É impossível falar em ética sem falar de liberdade. Ética tem a ver com liberdade, conhecimento tem a ver com liberdade, porque conhecimento tem a ver com ética. Por isso, se há algo que também é fundamental quando se fala em ciência, ética na pesquisa e produção do conhecimento, é a noção de integridade. A integridade é o cuidado para se manter inteiro, completo, transparente, verdadeiro, sem máscaras cínicas ou fissuras. Nessa hora, um perigo se avizinha: assumir-se individual ou coletivamente uma certa “esquizofrenia ética”. Ela desponta quando as pessoas se colocam não como inteiras, mas repartidas em funções que pareceriam externas a elas. Exemplos? “Eu por mim não faria isso, mas como sou o responsável, tenho de fazê-lo.” Ora, eu não sou eu e uma função, eu sou uma inteireza, eu não sou eu e um professor, eu e um pesquisador, eu e um diretor, eu e um Secretário, eu sou um inteiro. “Eu por mim não faria”, então, não faço! (CORTELLA,2015).

A escola necessita proporcionar novas maneiras de ver e agir no mundo. Precisa de processos que viabilizem o desenvolvimento de sujeitos críticos e qualificados para atuar reflexivamente na vida.

Repensar a escola e suas articulações para que atenda verdadeiramente sua função social, considerando as demandas reais, reinventando-se à medida que novas necessidades surgem, criando alternativas para a aprendizagem de todos e comprometendo-se com a

mudança social concreta na vida de seus educandos, é desafio que deve ser assumido por todos os educadores, gestores ou não, que acreditam que um mundo melhor pode ser construído e que a escola é uma instituição fundamental nesta mudança.

Educar é tarefa permanente. E, evidentemente não se dá apenas em sala de aula. Escolarização é uma parte da Educação. Formar pessoas é uma atividade que demanda fazer bem aquilo que se faz e fazer o bem com aquilo que se faz. Não se trata de jogo de palavras mas de firmeza de propósito. Fazer bem é questão de competência. Fazer o bem é empreender esforço e energia para tornar a vida boa para todos e todas. Tem a ver com a construção do futuro que queremos, para não aapequenarmos nossa vida (CORTELLA,2015).

As avaliações internacionais comprovam a melhoria de desempenho escolar em virtude da ampliação de atividades cidadãs. O maior envolvimento do aluno em atividades geradoras de cidadania provoca a criação do sentimento de pertencimento, construindo comportamentos éticos, saberes e formas de estar e agir no mundo.

A não aprendizagem pode estar relacionada aos sentimentos de não pertencimento e de exclusão social- a violência social, a desestrutura familiar, a ociosidade e a falta de metas na vida. Criar vínculos cidadãos entre os aprendentes e o ambiente ensinante é de fundamental importância, evitando a apatia, a rebeldia e o aprisionamento da inteligência.

Reencantar a escola, reencantar a aprendizagem, tornar o fazer pedagógico uma aventura de descoberta prazerosa, significa agir de forma ética no contexto escolar.

3.5 Gestão Democrática na escola

A concepção de gestão democrática vem sendo discutida por muito tempo na escola e sua efetivação está cada vez mais dependente da vontade dos gestores escolares, que encontram nesse processo um grande desafio, pois as pessoas estão se tornando mais individualizadas, resistindo ou mesmo negando-se a cooperar coletivamente. Essa característica é comum nas ideias neoliberais tão presentes na mídia atualmente, por saberem que decisões tomadas em grupo têm muito mais força do que isoladas e se consolidam de forma muito mais eficaz. Assim a escola, considerada como meio de reprodução da sociedade, necessita romper com essa ideia e constituir-se num espaço de promoção da justiça e a igualdade social.

Ao desejar colocar em prática uma proposta de gestão democrática, a escola necessita oportunizar ações que visem o envolvimento, a participação efetiva e não tutelada da comunidade escolar e o comprometimento das pessoas que a integram, buscando o

fortalecimento dos grupos na construção de uma escola verdadeiramente democrática e participativa.

Gestão democrática define-se como um processo político através do qual as pessoas na escola discutem, deliberam e planejam, solucionam problemas e os encaminham, acompanham, controlam, executam e avaliam o conjunto das ações voltadas ao desenvolvimento da própria escola, sendo esse procedimento ao mesmo tempo, transparência e impessoalidade, autonomia e participação, liderança e trabalho coletivo, representatividade e competência.

A gestão democrática quando direcionada para um processo de decisão assentado na participação e na deliberação pública, exterioriza um anseio de crescimento dos indivíduos como cidadãos e do crescimento da sociedade enquanto sociedade democrática.

O processo de gestão democrática deve ser alicerçado no diálogo, no respeito à diversidade, na participação efetiva de todos os segmentos da comunidade escolar, tendo garantidas sua voz e vez na tomada de decisões e o amplo acesso às informações.

Nesse sentido é preciso repensar o papel e a função dos gestores dentro da escola, a fim de que sejam incentivadores e promotores de espaços de participação de todos os integrantes da comunidade escolar, fomentando e fortalecendo a constituição dos colegiados, Conselhos escolares, Círculos de Pais e Mestres e Grêmios estudantis.

Promover a gestão democrática na escola representa acreditar na força da coletividade para responder às perspectivas da sociedade em relação à atuação da escola. Implica em ampliar cada vez mais os envolvidos no processo educativo, estabelecendo relações mais adaptáveis e menos autoritárias entre os professores e os demais integrantes da comunidade escolar, gerando um ambiente de troca, aprendizagem mútua e fraternidade, o que significa requerer das escolas e das pessoas que a integram, comprometimento no sentido de colocar-se do lado oposto à lógica neoliberal que torna as pessoas individualizadas.

É necessário compreender que o processo de gestão democrática vai ao encontro da perspectiva social que possibilita a todos “participar no processo de formulação e avaliação da política de educação e na fiscalização de sua execução”, como destaca Cóssio (2006, p.31). O autor também esclarece que a gestão democrática se legitima quando constrói um espaço público promotor de condições de igualdade, oportunizando um ambiente de trabalho que incentive a constituição de grupos, superando o individualismo e a exclusão, onde a aquisição e produção do conhecimento visem preparar agentes de transformação social que “habilitem

os estudantes a terem expectativas de vida digna, de trabalho, de exercício da cidadania”(CÓSSIO, 2006, p.32)

Andrade explica que a gestão escolar substituiu a administração escolar, representando uma mudança radical de postura, um novo “enfoque de organização, um novo paradigma de encaminhamento das questões escolares, ancorando nos princípios da participação, de autonomia, de autocontrole e de responsabilidade” (ANDRADE, 2004, p.11).

A busca pela autonomia da escola coloca-se numa luta maior pela autonomia no interior da própria sociedade, constituindo-se numa luta dentro do estabelecido para estabelecer outra coisa. O sucesso dessa luta depende da coragem de cada estabelecimento de ensino em vivenciar esse modelo novo de gestão e não apenas pensa-lo. Para isso faz-se necessário percorrer o caminho de construção da confiança na escola, na sua capacidade de resolução dos conflitos por ela mesma e de autogovernar-se (GADOTTI & ROMÃO, 1993).

É preciso que se diferencie na escola o processo democrático do fortalecimento da democracia. Não basta argumentar que as escolas necessitam tornar-se espaços democráticos, é preciso ter clareza nas formas de conhecimento, valores e práticas sociais que os estudantes necessitarão a fim de compreenderem o funcionamento da sociedade, onde estão situados na mesma e como se caracterizam as maiores desigualdades. A escola necessita relacionar saber e poder.

Ao oportunizar a presença efetiva dos pais e professores como partícipes dos processos educacionais, constituem-se situações de aprendizagens diversas e fecundas. Por um lado a escola compreende sua função social, por outro lado, a comunidade passa a influenciar nas tomadas de decisões e conseqüentemente nos destinos da escola.

De acordo com Paro, a gestão da escola necessita estar fundamentada na participação efetiva da comunidade, pois “a democracia só se efetiva por atos e relações que se dão no nível da realidade concreta” (PARO, 2002, p.16).

A Constituição Federal de 1998 fez valer, em seu artigo 206, a Gestão Democrática do Ensino Público, a cargo dos estados e municípios para que a efetivassem em suas particularidades e definições, resposta a tantos anseios dos educadores brasileiros.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional- Lei nº. 9394/96 deu passos na direção de descentralização e da autonomia da escola, mas ainda conservou toda a estrutura do sistema centralizado e hierarquizado. Um sistema único e descentralizado pressupõe objetivos e metas estabelecidas de forma clara entre escola e governo, visando a democratização da gestão e a construção de um novo modelo de educação, participativo e de qualidade.

Embora a Gestão Democrática da educação no Brasil apareça como norma jurídica desde 1988 (Constituição Federal), são muitas as propostas e preocupações em torno dos objetivos para os quais a educação pública se promova.

Não se pode negar que nas últimas décadas a caminhada em direção a uma gestão democrática da escola pública deu passos significativos. Entretanto ainda existe uma distância entre o que se propõe na teoria em relação à democratização dos processos e o que se efetiva na prática das escolas.

A escola tem em suas finalidades o compromisso de formar para a cidadania e, para isso, ela deve dar exemplo. A gestão democrática da escola é um passo importante no aprendizado da democracia, entendendo-se que a escola está a serviço da comunidade, tendo em suas funções enquanto instituição de ensino, a responsabilidade de promover espaços em que a comunidade se manifeste e se desenvolva.

Um conceito fundamental para pensar a educação é o de Projeto, pois ele se recusa a considerar a escola como um modelo ideal, pronto e acabado. Uma escola como um modelo ideal e não flexível não existe, uma vez que ela vai se construindo nas contradições do cotidiano, que envolve situações diversas, correlações de força, em torno de problemas, impasses, soluções, vivenciados a cada momento. (OLIVEIRA, 2005, p.40)

Na Gestão Democrática não se pode fugir do conceito de administração escolar, compreendido como recurso para unidade de esforços coletivos que facilitarão a efetivação dos fins da educação, compreendendo a educação como um caminho para a emancipação humana.

Constata-se que a democracia na educação está para além dos muros da escola, no sentido que atravessa os processos da política e da cultura presentes na história do povo brasileiro, constituindo-se um processo de democratização subordinado às práticas pedagógicas democráticas. Sendo assim, democratizar a educação não pode ser confundido com realizar práticas pedagógicas na educação.

Defende-se a democratização da escola enquanto possibilidade bem mais ampla de melhoria na qualidade da educação, favorecendo a elaboração de um currículo coerente com o contexto local, na descentralização do poder dos gestores e conseqüentemente maior integração entre professores, estudantes, equipe de apoio pedagógico, técnico – administrativo, funcionários e demais integrantes da comunidade escolar, na construção de um projeto coletivo de escola inserida na comunidade local, comprometida com as demandas sociais.

Faz parte da função social da escola, a formação de cidadãos críticos, reflexivos, autônomos, conscientes de seus direitos e deveres e capazes de compreender a realidade em que vivem e sintam-se preparados para participar da vida econômica, social e política do país.

A legislação mostra a presença dos princípios da gestão democrática em diversos artigos.

Na Constituição Federal/88:

Art.206: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

VI-gestão democrática do ensino público, na forma da Lei.

Na Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB/96):

Art.3º: O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

VIII- gestão democrática do ensino público, na forma desta lei e da legislação dos sistemas de ensino.

Art.14: Os sistemas de ensino definirão as normas de Gestão Democrática (...):

Participação dos profissionais da educação na elaboração da proposta pedagógica;

Participação das comunidades escolar e local em conselhos escolares ou equivalentes.

Art. 15: Os sistemas de ensino assegurarão às escolas progressivos graus de autonomia pedagógica, administrativa e de gestão financeira.

Na Constituição Estadual:

Art: 197- O ensino será ministrado com base nos seguintes princípios:

VI- gestão democrática do ensino público; (lei nº 10.576/95)

No Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA/90):

Art: 15- A criança e o adolescente têm direito à liberdade, ao respeito e à dignidade como pessoas humanas em processo de desenvolvimento e como sujeitos de direitos civis, humanos e sociais garantidos na Constituição e nas leis.

Art: 16- O direito à liberdade compreende os seguintes aspectos:

Opinião e expressão;

Percebe-se que o papel do Estado, enquanto nação, vem se modificando consideravelmente nos últimos anos, especialmente no que diz respeito às políticas sociais, que deram origem a diversas situações de desemprego, violência, estado de miserabilidade de grande parte da população, gerando como nos fala Cóssio, uma desesperança e o descrédito na atual classe política brasileira (2006, p.23). Entretanto, as leis possibilitam e indicam que é possível acreditar numa escola na qual os sujeitos possam participar de maneira efetiva.

A efetivação de tudo o que as leis apontam será possível mediante a geração de “vias de participação e de aprendizado democrático, repensando modelos de poder autoritário que transpõem as relações sociais”, destaca Cóssio (2006, p. 32). Sendo assim, a postura adotada pelos sujeitos na escola contribui de forma significativa para a prática da gestão enquanto espaço de democracia.

Conforme Paro, a democracia “é um processo globalizante que, tendencialmente, deve envolver cada indivíduo, na plenitude de sua personalidade” (2002, p. 24). Entretanto, a realidade das escolas se apresenta distante desse princípio democrático, estando permeada pelo autoritarismo e de práticas de dominação que “em nada contribuem para o desenvolvimento da autonomia do educando” e dos demais sujeitos que nela se inserem.

Mello reforça a ideia de que a democracia não é herança genética, “mas histórica e, como tal, precisa ser vivida e construída por homens e mulheres comprometidos com a reversão das desigualdades, precisa ser constantemente exercida enquanto opção de vida” (2006, p. 42).

Não haverá o momento em que estaremos plenamente preparados para com o apoio da escola, mas não só dela- começar a construir um país democrático e justo. Na largada, dispomos de alguns saberes, mas muitos serão construídos no processo. (ANTUNES, 2002, p. 35)

A democracia não reduz ao conceito de conjunto de procedimentos ou um regime popular, para, além disso, constitui-se num esforço para manter a unidade, o fortalecimento da coletividade. Um regime democrático se baseia, portanto, na existência de personalidades democráticas e seu principal objetivo deve ser a criação de indivíduos-sujeitos capazes de resistir à dissociação entre o mundo da ação e o mundo do ser, entre o futuro e o passado. Para uma democracia, a recusa do outro e o irracionalismo são perigos, igualmente mortais.

A participação consiste na base da democracia. É ela que favorece o comprometimento das pessoas com o processo de gestão escolar, desde que oportunize a quem vai participar o poder, a autoridade sobre os recursos, por exemplo. Se alguém pode decidir sobre os recursos, se alguém pode decidir sobre como vão ser empregados recursos, ele participa; fora disto, a participação que pode existir é a adesão a uma causa dos outros, muitas vezes manipulada por interesses ou por ideias confusas (GANDIN, 1994, p. 58).

São inúmeros os desafios que balizam a introdução de um espaço democrático na escola, a começar pelo conformismo com os processos existentes e a ausência de esforços coletivos para que a democratização aconteça. Paro, 2005, p.162 pondera sobre os obstáculos na implantação da gestão democrática “se pretendemos agir na escola, como de resto em

qualquer instância na sociedade com vistas à transformação social, não podemos acreditar que já estejam presentes condições ideais que só poderão existir como decorrência dessa transformação”.

É preciso que a escola constitua-se num espaço de promoção de novas experiências e competências, dedicando sua parcela de contribuição para melhoria social, considerando esse desafio como responsabilidade de todos, sejam pais, professores, gestores, alunos e funcionários, como nos diz Dourado, “Dentre todos estes, os diretamente responsáveis pela gestão da escola acham-se mais comprometidos com a realização desse desafio. Tornar realidade para todos uma educação básica de qualidade é principal finalidade de seu trabalho.”! (2001, p.17)

O conhecimento da realidade do aluno é essencial para subsidiar o processo de planejamento numa perspectiva dialética. Devemos considerar, pois, o aluno real, concreto que efetivamente está em sala de aula, um ser que tem suas necessidades, interesses, nível de desenvolvimento (psicomotor, sócio afetivo e cognitivo), quadro de significações, experiências anteriores (história pessoal), sendo bem distinto daquele aluno ideal, dos manuais pedagógicos (marcados pelos valores de classe) ou do sonho de alguns professores. (VASCONCELOS, 1995, P.63)

Ao desejar implantar uma prática de gestão democrática a escola necessita perceber o aluno inserido na sua realidade própria, dessa forma o gestor possibilitará que o mesmo se veja como seres do e no mundo. Da mesma maneira que deverá estar atento para que ocorra desenvolvimento e a apropriação do conhecimento na escola, pois, como nos diz Freire (1996, p. 33) é necessário “discutir com os alunos a razão de ser de alguns desses saberes em relação com o ensino dos conteúdos. Por que não aproveitar a experiência que tem os alunos.” Assim, num contexto de autoritarismo, onde o gestor e o professor agem como os detentores do conhecimento, acontece uma negação aos saberes dos educandos e, conseqüentemente, desvalorização da realidade social, inviabilizando o processo de gestão democrática no ambiente escolar.

Para Viana, não é possível efetivar um processo de participação sem “a participação da comunidade e seus representantes num trabalho integrado por objetivos e fins comuns”. Assim, é importante estimular os integrantes da comunidade escolar a tomarem decisões, opinarem, efetivando uma cultura de participação coletiva. (2000, p.73)

A sociedade vê a democracia simplesmente como a possibilidade de eleger representantes que elaboram, decidem e executam as políticas públicas. Por muito tempo, os

projetos para a educação foram elaborados em gabinetes e repassados às escolas como um manual a ser executado.

A exigência da participação dos pais na organização e gestão da escola corresponde as novas formas de relações entre escola, sociedade e trabalho, que repercutem na escola nas práticas de descentralização, autonomia, corresponsabilização, interculturalismo. De fato, a escola não pode ser mais uma instituição isolada em si mesma, separada da realidade circundante, mas integrada numa comunidade que interage com a vida social ampla (LIBÂNEO, 2004, p.114)

A gestão democrática na educação pressupõe a formação para a cidadania que estabelece a oportunidade de criar espaços educativos onde os sujeitos sociais sejam capazes de pensar e de questionar a fim de que seja valorizada a diversidade dentro da proposta de um currículo específico onde a convivência de todos promova atitudes cidadãs. Democracia é a condição da sociedade que supõe desfrutar da liberdade e da cidadania.

É preciso rever no interior dos ambientes escolares o esquema de autoridade, tradicionalmente introjetado nas mentalidades pelo senso comum. Faz-se necessário delinear novos paradigmas referentes à noção de autoridade e de como é possível participar da gestão de forma democrática.

A gestão democrática pressupõe abertura de canais de participação, por parte da administração, visando a inclusão e transparência de posições e ações. A participação da comunidade escolar é fundamental para a construção de uma proposta de gestão democrática e popular, pois a educação é um direito de todos e a efetiva participação comunitária deve ser o método de gestão das políticas públicas na área.

É a gestão democrática que introduz, na comunidade escolar, a desconstrução das relações hierarquizadas de poder e de ruptura com os processos de exclusão de grupos nas decisões sobre os rumos da escola. Tem também recolocado nas mãos da sociedade civil o controle de toda a educação, tendo introduzido a eleição de diretores e os Conselhos Escolares, como um dos mecanismos de gestão.

Dentre os processos necessários para que se efetive a gestão democrática na escola, o Conselho Escolar possui representação de todos os segmentos da comunidade escolar, constituindo-se, se bem estimulado, quase num fórum da voz da comunidade, assumindo função importante na promoção da qualidade social da educação.

Será no conselho que os problemas da gestão escolar serão discutidos e as reivindicações educativas serão analisadas para, se for o caso dependendo dos encaminhamentos e da votação em plenária, -ser aprovadas e remetidas para o corpo

diretivo da escola, instância executiva, que se encarrega de pôr em prática as decisões ou sugestões do Conselho de Escola. (ANTUNES, 2002, p.23)

A gestão democrática constitui-se um desafio para a construção de novas relações sociais, apresentando um espaço de discussão e decisão e deve garantir o acesso igualitário às informações a todos os segmentos da comunidade escolar e a aceitação da diversidade de opiniões e interesses.

A democracia na escola é o caminho para se chegar a uma proposta educacional de uma escola pública de qualidade. Ela foi reivindicada durante muito tempo pelos movimentos sociais e pelos trabalhadores em educação, afirmando que os Conselhos Escolares e demais grupos de colegiados não podem somente referendar decisões da direção, pois são órgãos importantes na garantia da participação de todos os segmentos da comunidade escolar.

O princípio da autonomia requer vínculos mais estreitos com a comunidade educativa, basicamente os pais, as entidades e as organizações paralelas à escola. A presença da comunidade na escola, especialmente dos pais, tem várias implicações. Prioritariamente os pais e outros representantes participam do Conselho da Escola da Associação de Pais e Mestres para preparar o projeto pedagógico curricular e acompanhar e avaliar a qualidade dos serviços prestados. (LIBÂNEO, 2004, p. 144)

Para se trabalhar coletivamente, é preciso uma atuação das comunidades escolares na construção e implantação de um Projeto Político Pedagógico, por exemplo, cujas responsabilidades sejam partilhadas, haja confiança e sensibilidade para inovar e criar ações em que sejam observados os princípios democráticos e a finalidade seja uma educação de qualidade.

A gestão democrática deve ser um instrumento de transformação das práticas escolares, não sua reiteração. Isso implica reformulação da prática pedagógica sob o risco de se esvaziar de sentido e conteúdo. Dessa forma, a ação dos educadores torna-se fundamental com sua organização e compromisso com a educação e mais precisamente com a escola pública, principalmente quando se trata de jovens e adultos.

O conhecimento sobre a gestão democrática está sendo construído diariamente na atuação de cada gestor com sua equipe. Há consenso de que, para gerar um ambiente no qual todos atuem para alcançar o objetivo comum de garantir a aprendizagem, os gestores precisam desenvolver algumas competências, que são simples na definição, mas complexas na execução, como saber ouvir e levar em consideração ideias, opiniões e posicionamentos divergentes.

Construir uma gestão democrática exige tempo e planejamento e dá mais trabalho do que simplesmente agir de forma diretiva. É necessário que haja a descentralização do poder do gestor, democratizando os processos de tomada de decisão, planejamento de ações e avaliação.

Para Mello, a participação coletiva “constitui-se em instrumento básico de uma gestão democrática e pressupõe a disposição para o debate, reflexão, problematização, estudo, aplicação, avaliação e reformulação” (2006, p.43), sendo o foco as transformações sociais.

Tudo o que a gente puder fazer no sentido de convocar os que vivem em torno da escola e dentro da escola, no sentido de participarem, de tomarem um pouco o destino da escola na mão, também. Tudo o que a gente puder fazer nesse sentido é pouco ainda, considerando o trabalho imenso que se põe diante de nós que é o de assumir esse país democraticamente (FREIRE, 2004, p.07)

A escola precisa acreditar na gestão democrática como uma condição de construção coletiva, para efetivá-la de fato. Para tanto, necessita valorizar e incentivar a participação de todos nos processos desenvolvidos por ela, sejam de teor pedagógico ou administrativo.

Promover processos de gestão democrática na escola significa trabalhar contra as ideias neoliberais, as quais desejam pessoas com postura individualista, pouco sensibilizada com o outro. Necessita assumir postura de coparticipação, autonomia e comprometimento com o desejo de transformação social.

4 METODOLOGIA DA INTERVENÇÃO

Em função dos objetivos deste estudo, optou-se por uma pesquisa intervencionista (CASSANDRE, 2012; SANNINO, 2011; SANNINO E SUTTER, 2011) e, mais especificadamente, uma intervenção pedagógica, desenvolvida por Damiani, Rochefort, Castro, Dariz e Pinheiro (2013) e Damiani (2012).

A escolha desta abordagem justifica-se, tendo em vista que se trata de um processo de análise e intervenção, cujos resultados da pesquisa são construídos mediante a reflexão e transformação da realidade, propiciando, assim, o aprofundamento do objeto de estudo.

Parte-se do pressuposto de que as intervenções em Educação, em especial as relacionadas ao processo ensino/aprendizagem, apresentam potencial para simultaneamente, propor novas práticas pedagógicas (ou aprimorar as já existentes), produzindo conhecimento teórico nelas baseado (DAMIANI, 2012).

Este tipo de abordagem metodológica requer que o professor/pesquisador elabore o seu projeto de pesquisa, implemente a proposta de trabalho pedagógico, descreva-o detalhadamente e posteriormente avalie conforme os preceitos científicos. Assim, é possível dizer que ocorrerá uma divisão quanto à sua sistematização metodológica: o método da intervenção e o método da avaliação da intervenção. Essa divisão é proposta por Damiani et al (2013):

Assim, para que o relatório de uma pesquisa do tipo intervenção pedagógica faça jus ao trabalho realizado, entendemos que deve contemplar seus dois componentes metodológicos. Relembrando: o método da intervenção e o método da avaliação da intervenção. O componente interventivo, isto é, a intervenção propriamente dita, deve ter seu lugar assegurado no relatório, devendo ser apresentado com detalhes. (DAMIANI, 2013, p.60).

O trabalho dividiu-se em três etapas, sendo a primeira a realização de uma Pesquisa Diagnóstica, que teve por finalidade coletar dados e informações sobre os interesses dos participantes. A segunda etapa constituiu-se da sistematização e análise interpretativa dos dados coletados. A partir desse momento foi possível planejar as ações do projeto de intervenção propriamente dito. A terceira etapa foi de elaboração e execução do Projeto de Intervenção que teve como título “Desafios éticos do processo educativo”.

Durante a realização do processo de intervenção organizou-se um diário de campo onde foram anotadas as observações e percepções diárias, permitindo (re) formulação das ações,

avaliando seus pontos positivos e/ou negativos, levando em consideração a participação dos envolvidos diretamente na execução do projeto.

No final de cada encontro, foram oportunizados espaços de avaliação aos participantes, para a verificação das ações realizadas e seus impactos no grupo. Nesses momentos os participantes relatavam seus anseios, interesses, percepções, buscando-se a reflexão sobre a importância dessas discussões para a melhoria no trabalho pedagógico desenvolvido na escola e, conseqüentemente, na comunidade. De acordo com Furtado & Furtado (2000), o processo de intervenção participativa dos sujeitos envolvidos se propõe:

...o processo educativo no qual cada um, individualmente, e todos, no coletivo, tenham clara a sua posição de sujeitos da história. Apresenta-se basicamente como uma concepção dialética, uma forma de ver a realidade de modo crítico, buscando articular num processo integral a participação dos envolvidos. [...] A abordagem e os métodos pedagógicos proporcionam a conscientização e a compreensão da própria realidade [...] e ajudam a desenvolver o sentido da busca de transformação dessa realidade. As interações oferecidas aos membros do grupo ao desenvolver a Intervenção Participativa, na forma de investigação sobre a realidade, ajudam a transformar as pessoas envolvidas ou mesmo as organizações em um grupo com perspectivas e objetivos comuns, com tarefas e responsabilidades definidas no coletivo (FURTADO & FURTADO, 2000, p. 67).

Pensar a escola de forma coletiva, oportunizando espaços onde todos possam opinar e sugerir promove educação de qualidade. A metodologia adotada proporcionou momentos de diálogo entre os professores, onde para além de pensar a escola como instituição, puderam refletir sobre seu papel enquanto educadores e agentes de transformação social.

4.1 Método da Intervenção

O método da intervenção consiste na descrição detalhada da prática implementada, fundamentada teoricamente (DAMIANI, 2012).

Os sujeitos que participaram da pesquisa foram os professores (gestores e docentes dos anos iniciais) que atuavam na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas. A equipe gestora era composta pelo Diretor, com regime de trabalho de 40(quarenta) horas semanais, uma Vice-diretora, com regime de trabalho de 20 (vinte) horas semanais e uma Supervisora Escolar, com regime de trabalho de 40(quarenta) horas semanais. Os professores que participaram da proposta de intervenção atuavam no turno da tarde, com regime de trabalho de 20(vinte) horas semanais nesta escola, sendo 04(quatro) concursados/efetivos e 02(dois) contratados.

A escolha da escola foi determinada por ser o espaço onde eu atuava como docente, favorecendo a possibilidade de aplicabilidade do projeto de intervenção.

O foco desta intervenção foi propor ações formativas que estimulem a prática da ética na escola, resgatando o comprometimento e corresponsabilidade dos envolvidos no processo ensino-aprendizagem, por meio de rodas de conversa, que denominei café com prosa.

As rodas de conversa constituem-se em um método de participação coletiva de debate acerca de determinada temática, onde se torna possível dialogar com os sujeitos, que se expressam e escutam seus pares e a si mesmos num exercício reflexivo, como nos diz Alarcão:

O professor não pode agir isoladamente na sua escola. É neste local, o seu local de trabalho, que ele, com os outros, seus colegas, constrói a profissionalidade docente. Mas se a vida dos professores tem o seu contexto próprio, a escola, esta tem de ser organizada de modo a criar condições de reflexividade individuais e coletivas. Vou ainda mais longe. A escola tem de se pensar a si própria, na sua missão e no modo como se organiza para a cumprir. Tem, também ela, de ser reflexiva (ALARCÃO, 2012).

Um dos objetivos das rodas de conversa é socializar saberes e implementar a troca de experiências, na perspectiva de construir e reconstruir novos conhecimentos sobre a temática proposta.

No contexto da roda de conversa, o diálogo é um momento singular de partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala. As colocações de cada sujeito participante são construídas a partir da interação com o outro, sejam para complementar, opinar ou discordar. Conversar nesta perspectiva, remete à compreensão de mais profundidade, mais reflexão e consequente produção de conhecimento. Como diz Warschauer, 2001, p.179:

Conversar não só desenvolve a capacidade de argumentação lógica, como, ao propor a presença física do outro, implica as capacidades relacionais, as emoções, o respeito, saber ouvir e falar, aguardar a vez, inserir-se na malha da conversa, enfrentar as diferenças, o esforço de colocar-se no ponto de vista do outro etc [...].

Assim, compreende-se que as rodas de conversa promovem a ressonância coletiva, a construção e reconstrução de conceitos e de argumentos através da escuta e do diálogo com os pares e consigo mesmo. E, ao pensar a forma de adotar e conduzir esse procedimento metodológico, tem-se que considerar que o diálogo construído representa o pensar e o falar de “[...] indivíduos com histórias de vida diferentes e maneiras próprias de pensar e de sentir” (WARSCHAUER, 2002, P.46).

Trata-se de uma técnica que remete às lições de Freire e Shor, quando explicam:

O diálogo não é uma situação no qual podemos fazer tudo o que queremos. Isto é, ele tem limites e contradições que condicionam o que podemos fazer... Para alcançar os objetivos de transformação o diálogo implica em responsabilidade, direcionamento, determinação, disciplina, objetivos (FREIRE; SHOR, 1987, p.127).

A utilização das rodas de conversa se deu mediante escolha de um núcleo temático para cada encontro, descrito a seguir.

4.2 O nosso café com prosa

A expressão “café com prosa” aparece em várias publicações, blogs e programas que propõem o diálogo acerca de temas relevantes para grupos de pessoas com interesses comuns. Dentre eles, destaco o trabalho realizado pela Universidade Federal do Ceará, por meio do Programa de Promoção da Saúde, onde as pessoas reúnem-se para debaterem assuntos pertinentes do seu cotidiano de trabalho. Para esta proposta de intervenção, a utilização da expressão “café com prosa” se dará, pelo fato do encontro ser no horário de cafezinho dos professores e também, por ser o alimento, um instigador prazeroso para a conversa e troca de saberes. Em sua obra denominada Livro sem fim, Rubem Alves, utiliza a metáfora “o saber e o sabor” para falar da relação entre o conhecimento e os alimentos, afirmando que o saber pode e deve ter sabor. Escreve sobre a verdadeira delícia que é o processo de aprendizagem, de degustação do conhecimento.

Os encontros versaram sobre a temática “Desafios éticos na ação educativa”, objetivando a elaboração de um projeto coletivo de adequação dos espaços escolares como geradores de aprendizagem, tanto para os professores quanto para os demais integrantes da comunidade escolar. Foram realizadas 06(seis) rodas de conversa, desdobradas em dois dias, com duas horas de duração cada uma, aproveitando o espaço de reunião pedagógica semanal já constituído na rotina da escola. Assim, cada roda de conversa obteve quatro horas de discussão, totalizando vinte e quatro horas.

Os encontros foram previamente organizados e agendados juntamente com a equipe diretiva da escola, respeitando as datas previstas no Calendário Escolar, bem como, os eventos e demais programações. Em virtude das temáticas escolhidas e tempo de duração estipulado para cada encontro, cada roda de conversa foi desdobrada em dois dias, para que não houvesse prejuízo à carga horária dos professores no exercício de suas funções na escola. Todos os encontros foram registrados em ata, com assinatura dos participantes, além dos demais registros com fotografias, portfólio, entre outros. Ao término de cada encontro ficavam definidos os

objetivos e proposta do próximo, levando em consideração as sugestões dos participantes. Em alguns momentos foram reagendados os encontros em virtude de questões institucionais da escola e da dinâmica pessoal dos participantes.

De acordo com Mélló et al. (2007), as rodas de conversa priorizam discussões em torno de uma temática (selecionada de acordo com os objetivos da pesquisa) e, no processo dialógico, as pessoas podem apresentar suas elaborações, mesmo contraditórias, sendo que cada pessoa instiga a outra a falar, sendo possível se posicionar e ouvir o posicionamento do outro. Destaca-se, que ao mesmo tempo em que as pessoas falam suas histórias, buscam compreendê-las por meio do exercício de pensar compartilhado, o qual possibilita a significação dos acontecimentos. Afonso e Abade (2008) destacam que as rodas de conversa são utilizadas nas metodologias participativas, seu referencial teórico parte da articulação de autores da psicologia social, da psicanálise, da educação e seu fundamento metodológico se alicerça nas oficinas de intervenção psicossocial, tendo por objetivo a constituição de um espaço onde seus participantes reflitam acerca do cotidiano, ou seja, de sua relação com o mundo, com o trabalho, com o projeto de vida. Para que isso ocorra, as rodas devem ser desenvolvidas em um contexto onde as pessoas possam se expressar, buscando superar seus próprios medos e entraves. Para auxiliá-las nesse processo de quebra dos entraves, bem como para facilitar a comunicação e a interação, se pode fazer uso de técnicas de dinamização de grupo, sendo utilizados recursos lúdicos ou não.

No primeiro encontro foi realizado um levantamento via questionário, sobre os interesses em subtemas específicos dos participantes, sem fugir da temática central.

Nogueira, Jesus e Effgen(2012) afirmam que é importante dialogar e estudar assuntos que desacomodam as relações vivenciadas no contexto escolar. As autoras argumentam que:

[a] participação coletiva para definir conteúdos/temáticas de uma formação voltada para os próprios participantes os coloca no lugar de “gestores públicos de educação”, responsáveis por suas próprias formações e, desse modo, os significam como sujeitos de conhecimento capazes de ressignificar, nos seus espaços locais de atuação, propostas de construções coletivas de formação, desenvolvendo assim, também, práticas de/como “formadores” (p.167).

Esse tipo de intervenção pressupõe a necessidade de planejar os encontros tendo como base os interesses dos participantes (NOGUEIRA, JESUS e EFFGEN 2012). Para êxito nesta proposta, faz-se importante que as rodas de conversa propiciem a reflexão crítica sobre as vivências dos participantes no meio escolar. Pantaleão(2009) afirma que, com essa postura:

Concebemos que os processos de formação continuada são mais efetivos quando atendem às necessidades concretas dos sujeitos. É escutando essas vozes e (re) conhecendo suas demandas e indicativos que podemos planejar e executar, de fato, movimentos democráticos de formação continuada (p.23).

Ao trazer para as discussões e reflexões as temáticas e os direcionamentos de interesse do grupo de trabalho, pode-se gerar um maior comprometimento dos sujeitos com seu processo formativo (NOGUEIRA, JESUS e EFFGEN, 2012).

Os encontros tiveram uma abordagem colaborativa, com a finalidade de proporcionar a troca de saberes e experiências.

Quando o trabalho é compartilhado, realizado em forma de colaboração, pode servir para auxiliar na constituição de uma identidade de grupo, o que pressupõe reafirmação do seu potencial e nas possibilidades de aprendizado e transformação que esse grupo apresenta. Nesse sentido Vygotski(1998), argumenta que, quando as pessoas se unem para resolver um problema significativo de maneira colaborativa, elas estabelecem um diálogo, a fim de encontrar as possíveis soluções que são discutidas, ampliadas ou modificadas. Dessa forma, é possível compreender a importância da formação ao assumir a perspectiva de trabalho colaborativo.

Como finalização dos encontros foi realizada a elaboração de um projeto coletivo que buscou o melhor aproveitamento dos espaços pedagógicos da escola, tais como as reuniões semanais dos professores e a utilização dos materiais de estudos disponibilizados na biblioteca, como mecanismos geradores de aprendizagem para todos.

4.3 Descrição das rodas de conversa

As rodas seguiram a perspectiva freireana da educação, propiciando o diálogo, a troca de ideias, constituindo-se em seis encontros, desdobrados em dois dias, totalizando quatro horas de duração cada uma. A seguir o relato detalhado de cada momento planejado e as implementações de interferências nas rodas de conversa.

1ª RODA: Temática- Identidade Profissional Docente

Título da Roda: *“Eu professor”*

Objetivo:

- Possibilitar uma reflexão sobre a identidade profissional docente.

- Incentivar no grupo de estudos a busca coletiva de alternativas para o exercício ético da profissão docente.

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

O ambiente da roda de conversa será previamente organizado, de acordo com a temática do dia. Para o primeiro encontro na mesa do café estarão dispostas figuras de carteiras de identidade, com a finalidade de despertar o grupo para o tema a ser discutido posteriormente.

1. Dar as boas-vindas aos professores (sujeitos) pela participação que ora inicia a caminhada da intervenção. Entregar aos mesmos uma breve apresentação da organização (cronograma) das rodas de conversa, com as respectivas datas e temáticas planejadas para acontecer durante os oito encontros.
2. Perguntar aos participantes quais perspectivas, contribuições, experiências profissionais, sugestões, etc., em relação às temáticas propostas.
3. Voltar para 1ª roda, focando apenas os seus objetivos.
4. Dinâmica da identidade. Entregar aos participantes a frase de Paulo Freire: “Ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde... Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor, a gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática.” Pedir aos participantes que construam seu “documento de identidade profissional” contendo o desenho do seu rosto, a digital feita com tinta, seu nome e duas características, pensando-se na condição de professores. Para essa dinâmica serão disponibilizados materiais como, cartolina, tinta, lápis coloridos, canetas coloridas, cola e tesoura. Como música ³de fundo “Anjos da guarda”, de Leci Brandão. Possibilitar uma socialização em pequenos grupos (duplas) e, depois, uma plenária, socializando suas produções com todos.
5. Partilha dos sentimentos pessoais e sentimentos e conhecimentos profissionais; descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Segundo momento: aprofundamento da temática

6. Introdução à temática.

³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9s92UNlw618>

Educador e educandos (liderança e massas), cointencionados à realidade, se encontram numa tarefa em que ambos são sujeitos no ato, não só de desvelá-la e, assim, criticamente conhecê-la, mas também de recriar este conhecimento (FREIRE, 2014, p.77).

7. Formação de 4 grupos para estudo de pequenos textos⁴, do autor Francisco Imbernón, destacando durante a leitura aspectos relevantes da temática abordada:
 - Grupo 1- “A necessária redefinição da docência como profissão”
 - Grupo 2- “Inovação educativa e profissão docente”
 - Grupo 3- “O debate sobre a profissionalização docente”
 - Grupo 4- “O conhecimento profissional do docente”
8. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.
9. Destaques da mediadora. Salientando os seguintes aspectos:
 - Que elementos estão presentes na identificação dos professores como docentes?
 - Como se relacionam as ações de formação continuada com as expectativas dos professores e a sua profissionalização e desenvolvimento profissional?
 - Como se caracterizam as ações de formação continuada de professores em serviço, em nosso contexto atual?
 - Que concepções de docência costumam orientar as ações de formação continuada promovidas e desenvolvidas?

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

10. Trabalho em pequenos grupos, registro no portfólio: Construção da Identidade Docente de cada um(a)
 - O que é ser professor? Por que você é professor?
 - Qual a importância da formação continuada na constituição profissional?
 - Quais os principais caminhos para buscar a valorização profissional?

Quarto momento: avaliação

11. Por escrito: Será entregue uma folha ofício para cada participante registrar o que achou do encontro, se contribuiu de alguma forma e descrever como foram às contribuições, bem

⁴ IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

como, registrar as ideias e sugestões trazidas por esta roda de conversa e os questionamentos que ainda persistirem.

12. Socialização.

Quinto momento: confraternização

13. Música: “Anjos da Guarda” - Leci Brandão

Material necessário:

- Música de fundo (aparelho de som e música).
- Folhas ofício A4, lápis, canetas e giz-de-cera para todos.
- Pastas onde serão armazenados os registros (portfólio)
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
- Data show.

2ª RODA: Temática- “A ética no contexto escolar”

Título da Roda: *“A ética e a produção do conhecimento”*

Objetivo:

- Possibilitar uma reflexão sobre a ética no contexto escolar.
- Desafiar o grupo a pensar a aprendizagem na escola como um compromisso ético de todos os envolvidos no processo educacional.

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

O ambiente da roda de conversa será previamente organizado, de acordo com a temática do dia. Para este encontro na mesa do café estarão dispostas as perguntas: Quero? Devo? Posso? Também estará sobre a mesa figuras com as palavras Liberdade, Integridade, Aprendizagem, Conhecimento, Ética, Mudança.

1. Dinâmica do Fanzine⁵: solicitar ao grupo que escolha as palavras com as quais se identificam e montem sua Fanzine a partir delas, utilizando recortes de revistas, imagens, desenhos e outras palavras que queiram agregar.

A palavra ‘fanzine’ nasceu da redução fônica da expressão “fanatic” magazine. Trata-se de um veículo de comunicação, editado por um fã de algum tema específico (fotonovela, música, poemas...). Na dinâmica os participantes poderão fazer uma Fanzine “sou fã da liberdade”, ou “Fã da ética”

2. Apresentação das Fanzines ao grupo, com partilha dos sentimentos pessoais e sua relação com a profissão de acordo com a temática, despertadas pela dinâmica.
3. Assistir o vídeo⁶ de Mario Sergio Cortella “Novos paradigmas da educação”
4. Partilha dos sentimentos pessoais e sentimentos e conhecimentos profissionais; descobertas e percepções acerca da temática, suscitadas pela dinâmica.

Segundo momento: aprofundamento da temática

5. Leitura coletiva do texto “Ética e a produção do conhecimento”, de Mario Sérgio Cortella.
6. Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.
7. Pontualizações da mediadora. Salientando os seguintes aspectos:
 - A emergência de novos paradigmas na educação
 - Ética e gestão de aprendizagens
 - Liderança e corresponsabilidade nos processos educativos

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

8. Registro no portfólio:
 - Que mudanças são necessárias na escola para que haja melhorias nas aprendizagens?
 - Quais os principais problemas enfrentados na escola hoje e que dificultam a gestão das aprendizagens?
 - Que tipo de liderança você exerce na escola?
 - Quais são as metodologias que você utiliza para mediar as aprendizagens na escola?

⁵ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=yIZJb0ATPR8>

⁶ Vídeo disponível em <https://youtu.be/k0w1wV8XphY>

Quarto momento: avaliação

9. Por escrito: Será entregue uma folha ofício para cada participante registrar o que achou do encontro, se contribuiu de alguma forma e descrever como foram às contribuições, bem como, registrar as ideias e sugestões trazidas por esta roda de conversa e os questionamentos que ainda persistirem.

10. Socialização.

Quinto momento: confraternização

11. Fotografia coletiva com as Fanzines

Material necessário:

- Vídeo
- Folhas ofício A4, tesoura, cola, lápis de cor, canetas.
- Revistas para recorte
- Grampeador
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
- Televisão
- Data show.

3º RODA: Temática- “O Papel de Cada Um”

Título: *“Ninguém educa ninguém, os homens se educam em comunhão”*

(Paulo Freire)

Objetivo:

- Reconhecer qual o papel de cada um (professor, gestor, funcionário) na gestão dos processos de aprendizagem na escola.

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

Para esse encontro na mesa do café estarão dispostos objetos de trabalho como giz, pano de limpeza, caneta, avental, utensílios de cozinha, caderno, livro, calculadora, entre outros, com a finalidade de despertar o grupo para o tema a ser discutido posteriormente.

Segundo momento: aprofundamento da temática

- Introdução à temática
- Conto para posterior dramatização da história “Assembleia na Carpintaria”
- Distribuição dos personagens entre os participantes para encenação da história.
- Encenação da história

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

Trabalho em duplas, registro no portfólio: produção escrita respondendo aos questionamentos.

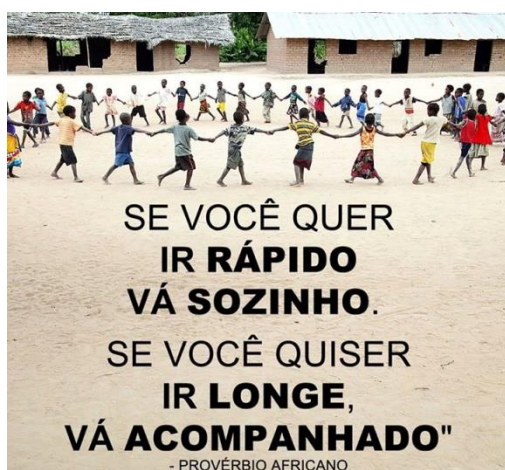
Questionamentos para pensar em duplas:

- Que relações podemos estabelecer entre a história e a nossa temática de hoje?
- De que forma identificamos o papel de cada um na história?
- Que relações podem ser estabelecidas entre a história e nosso cotidiano escolar?

Quarto momento: avaliação

14. Construção de um painel tendo como motivação o provérbio:

Figura 04: Provérbio



O que ficou do encontro de hoje?

Qual é o papel de cada um na construção de uma relação ética na gestão das aprendizagens da nossa escola?

15. Socialização.

Material necessário:

- Papel pardo.
- Folhas ofício A4, lápis, canetas e giz-de-cera para todos.
- Pastas onde serão armazenados os registros (portfólio)
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
- Data show.

4ª RODA: Temática: Metodologia

Título da Roda: *“Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção” (Paulo Freire)*

Objetivo:

- Possibilitar uma reflexão sobre as metodologias utilizadas em sala de aula.
- Propor a construção de um projeto coletivo, que busque a troca de experiências entre os professores, a fim de adequarem/ inovarem em relação aos métodos utilizados no processo ensino-aprendizagem.

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

O ambiente da roda de conversa será previamente organizado, de acordo com a temática do dia. Para este encontro na mesa do café estarão dispostas figuras de salas de aula, meios de comunicação, equipamentos tecnológicos, livros, jogos, fantoches, entre outros elementos que remetam à metodologia.

Vídeo⁷: Metodologia x Tecnologia

Questionar o grupo sobre a abordagem do vídeo em relação à metodologia, ou seja, perceber que não adianta trocar os equipamentos, os materiais didáticos, se o jeito de ensinar continua o mesmo.

Segundo momento: aprofundamento da temática

⁷ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=a0-1eRHIMxs>

Leitura coletiva do texto⁸ “Inovação educativa e profissão docente”, de Francisco Imbernón.

Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.

Pontualizações da mediadora. Salientando os seguintes aspectos:

- O novo conceito de profissionalização do docente, que deve romper com inércias e práticas do passado assumidas passivamente como elementos intrínsecos à profissão.
- O professor ou a professora não deveria ser um profissional técnico que desenvolve ou implementa inovações prescritas, mas deveria converter-se em um profissional que deve participar ativa e criticamente no verdadeiro processo de inovação e mudança, a partir de e em seu próprio contexto, em um processo dinâmico e flexível.
- Considerar o profissional da educação como um agente dinâmico cultural, social e curricular, que deve ter a permissão de tomar decisões educativas, éticas e morais, desenvolver o currículo em um contexto determinado e elaborar projetos e materiais curriculares em colaboração com os colegas.

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

Registro no portfólio:

- Que mudanças são necessárias na metodologia para que haja melhorias nas aprendizagens?
- Quais as estratégias pedagógicas inovadoras que já aplicamos em nossas aulas?
- Quais são as metodologias que você utiliza para mediar as aprendizagens na escola?

Quarto momento: avaliação

Por escrito: Será entregue uma folha ofício para cada participante registrar o que achou do encontro, se contribuiu de alguma forma e descrever como foram às contribuições, bem como, registrar as ideias e sugestões trazidas por esta roda de conversa e os questionamentos que ainda persistirem.

⁸ IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza.** 9ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.

Socialização.

Material necessário:

- Vídeo
- Folhas ofício A4, tesoura, cola, lápis de cor, canetas.
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
- Televisão
- Data show.

5ª RODA: Temática: Relacionamento Interpessoal

Dinâmica da cara-metade

Slides

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

O ambiente da roda de conversa será previamente organizado, de acordo com a temática do dia. Para este encontro na mesa do café figuras de rostos cortados pela metade.

Técnica: Cara-Metade

É solicitado aos participantes que desenhem seu rosto numa folha de papel A4. Posteriormente, os rostos são cortados pela metade; as metades são embaralhadas e redistribuídas aos participantes para que os mesmos colemb-nas junto com a metade do seu rosto. Cada participante após identificar de quem é a sua “cara-metade” deve dizer em que aspectos se identifica ou não com seu colega.

Segundo momento: aprofundamento da temática

Slides sobre Relações Interpessoais-

Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamentos.

A partir dos slides apresentados, salientamos os seguintes aspectos:

- Desde o início dos tempos o convívio sempre foi um desafio para a humanidade, pois as relações se estabelecem por afinidades, pela falta delas, por interesses, por afirmações, enfim por inúmeros motivos.
- As pessoas convivem e interagem umas com as outras, despertam simpatia e antipatia, se aproximam ou se afastam, entram em conflito, competem, cooperam, estreitam amizade, são sinceras ou dissimuladas nas suas relações. Esses fatores podem fazer parte do seu cotidiano, tanto bloqueando ou facilitando o relacionamento das pessoas em geral.
- O grupo não é a simples soma de indivíduos e comportamentos, ele assume configuração própria que influencia nas ações e nos sentimentos de cada um proporcionando sinergia, coesão, cooperação e coordenação, simpatia, carinho, harmonia, satisfação e alegria, ou mesmo, antipatia, tensão, hostilidade, insatisfação e tristeza.
- Um grupo de pessoas se transforma em uma equipe quando consegue criar um espírito de trabalho coletivo no qual as diversidades pessoais não se constituam em entraves, mas se transformam em riquezas unindo e se completando na busca de objetivos comuns.

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

Registro no portfólio:

- Na sua opinião quais são as potencialidades e fragilidades encontradas em nosso grupo de trabalho?
- Você consideram que as relações interpessoais interferem no processo ensino-aprendizagem? De que forma?
- Em que momentos aqui na escola nosso grupo mostrou-se equipe?

Quarto momento: avaliação

Por escrito: Será entregue uma folha ofício para cada participante registrar o que achou do encontro, se contribuiu de alguma forma e descrever como foram às contribuições, bem como, registrar as ideias e sugestões trazidas por esta roda de conversa e os questionamentos que ainda persistirem.

Socialização.

Material necessário:

- Folhas ofício A4, tesoura, cola, lápis de cor, canetas.
- Revistas para recorte
- Grampeador
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.
- Televisão
- Data show.

6ª RODA: Temática: Gestão Democrática

Desenvolvimento da oficina:

Primeiro momento: acolhida, integração e sensibilização

Preparando o ambiente...

O ambiente da roda de conversa será previamente organizado, de acordo com a temática do dia. Para este encontro na mesa do café as letras que formam a palavra “gestão” para posterior construção de um acróstico.

Segundo momento: aprofundamento da temática

Leitura dos textos: A utopia da gestão escolar democrática, do livro⁹ “Gestão Democrática da Escola Pública, de Vitor Henrique Paro, Diretor é cargo de confiança, mas da comunidade (Revista Nova Escola) e da Meta 19 do Plano Nacional de Educação (PNE).

Comentários do grupo: destaques, descobertas, questionamento, salientando os seguintes aspectos:

- Como se deu o processo de escolha do Diretor da escola.
- Como acontece a participação dos colegiados (Círculo de Pais e Mestres-CPM, Conselho escolar e Grêmios Estudantil) na escola.
- A construção do Projeto Político Pedagógico e Regimento Escolar.
- A tomada de decisão na escola.

Terceiro Momento: síntese e reconstrução da prática

⁹ PARO, Vitor Henrique. *Gestão Democrática da Escola Pública* 4ª edição. São Paulo: editora Cortez, 2016.

Construção de um acróstico com a palavra “gestão”, sendo que para cada letra os participantes deverão construir uma frase que remeta à ideia de gestão na escola.

Registro no portfólio:

- De que forma a Gestão Democrática na escola pode contribuir no processo de ensino e aprendizagem?
- Constata-se a efetivação de um processo de gestão democrática em nossa escola? Justifique.

Quarto momento: avaliação

Por escrito: Será entregue uma folha ofício para cada participante registrar o que achou do encontro, se contribuiu de alguma forma e descrever como foram às contribuições, bem como, registrar as ideias e sugestões trazidas por esta roda de conversa e os questionamentos que ainda persistirem.

Socialização.

Material necessário:

- Folhas ofício A4, tesoura, cola, lápis de cor, canetas hidrocor.
- Cópias para cada participante dos Recursos de Apoio.

4.4 Método de avaliação da intervenção

A intervenção e a avaliação da intervenção, neste projeto, respaldam-se na proposta de Damiani (2012):

(...) denominam-se intervenções as interferências (mudanças, inovações), propositadamente realizadas, por professores/pesquisadores, em suas práticas pedagógicas. Tais interferências são planejadas e implementadas com base em um determinado referencial teórico e objetivam promover avanços, melhorias, nessas práticas, além de pôr à prova tal referencial, contribuindo para o avanço do conhecimento sobre os processos de ensino/aprendizagem neles envolvidos. Para que a produção de conhecimento ocorra, no entanto, é necessário que se efetivem avaliações rigorosas e sistemáticas dessas interferências (DAMIANI, 2012, p. 03).

Para avaliar a intervenção foram utilizadas abordagens qualitativas como métodos de coletas de dados: a) observações; das oficinas, dos participantes, dos diálogos, das aprendizagens, sendo registradas pela mediadora no diário de campo, bem como, fotografadas; b) entrevistas; qualitativas aplicadas aos participantes como instrumentos para posterior análise das aprendizagens e c) análise documental produzidos nos encontros, desenhos, portfólio, avaliação individual, trabalhos em grupo (Lüdke e André, 1986, p.25). Tais dados passaram por um processo de análise textual discursiva (Damiani, 2012), nos quais foram descritos de forma detalhada se o método de intervenção realizado, rodas de conversa, no formato de oficinas na perspectiva freireana, atingiu o objetivo de qualificar o processo educacional na Escola Estadual Eduardo Vargas, em Alegrete/RS.

4.5 Avaliação da Intervenção

No método de avaliação da intervenção, ocorreu um detalhamento e a especificação dos instrumentos de coleta e análise de dados. Todo esse processo deve ser perpassado pelo rigor científico, com a intenção de produzir um conhecimento fiel (DAMIANI, 2012). Descrevo a seguir os instrumentos de coleta de dados utilizados:

Análise documental que, segundo Lüdke e André (1986), consiste em uma técnica de coleta de dados onde o pesquisador faz a análise de documentos, podendo ser qualquer material escrito, servindo como fonte de informações do comportamento humano. Dentre suas características, apresenta-se como uma técnica considerada estável e rica, que proporciona identificar as evidências que fundamentam as afirmações feitas nas análises do pesquisador, sendo uma fonte de informação contextualizada. Nesta pesquisa, os documentos da análise documental serão os portfólios.

O portfólio pode ser utilizado como instrumento de coleta de dados, já que, para Ambrósio (2013), é uma ferramenta pedagógica que propicia a organização de trabalhos, anotações e registros dos aprendizes, ao longo do processo formativo.

Como segundo instrumento de coleta de dados foi utilizada a entrevista semiestruturada, que segundo Manzini(2004), é direcionada por um roteiro previamente elaborado, composto geralmente por questões abertas. Triviños e Neto (1999), afirmam que a entrevista semiestruturada também permite a realização de explorações não previstas, dando maior liberdade ao entrevistado.

O terceiro instrumento de coleta de dados foi a observação.

A observação segundo Marconi e Lakatos (2010) é uma técnica de coleta de dados para conseguir informações e utiliza os sentidos na obtenção de determinados aspectos da realidade. Não consiste apenas em ver e ouvir, mas também em examinar fatos ou fenômenos que se deseja estudar.

As observações seguiram uma pauta pré-determinada, com os itens a serem apreciados em cada encontro, onde foram feitos os registros das mesmas.

Como recurso de análise de dados, foi utilizada a análise textual discursiva, proposta por Moraes (2003). Esse método possibilita a análise de textos já existentes ou de material produzido no decorrer da pesquisa, proveniente de entrevistas, observações, anotações, relatórios, entre outros

Com a finalidade de sistematizar a análise textual, Moraes (2003) descreve alguns de seus momentos. Inicialmente, ocorre o desmonte, a desconstrução (unitarização dos textos, por meio da qual identificam-se os elementos significativos menores, denominados de unidades de análise). Essas unidades são definidas conforme os sentidos e significados buscados na pesquisa. As unidades irão compor as categorias, podendo serem constituídas a priori ou a partir da análise. As unidades compõem as categorias conforme os temas destas. Assim, desmontamos os textos, causando uma desordem para, posteriormente, criar uma nova ordem com novas relações e compreensões diferentes, utilizando as teorias para contribuir e enriquecer a análise dos fenômenos.

É uma construção gradativa e pode sofrer ressignificações. Assim, vão se aperfeiçoando e apresentando maior precisão, podendo apresentar subcategorias, todas elas perpassadas pelo estudo de teorias que servem de suporte para essas análises.

A análise dos fenômenos é realizada por meio da construção de textos que são chamados metatextos que expressam a compreensão do pesquisador sobre a pesquisa.

5 ANÁLISE INTERPRETATIVA E DISCUSSÃO DOS DADOS

Os encontros consistiram na elaboração e efetivação das rodas de conversa com os professores. Esse processo foi bem recebido pelos participantes, que demonstraram interesse e envolvimento com os encontros e temáticas desenvolvidas. Dessa forma, serão relatadas as considerações do grupo de professores, que pontuam: *“O grupo reconhece a necessidade de encontros de formação continuada na escola, a fim de qualificarem sua prática pedagógica e estudarem sobre os assuntos pertinentes no cotidiano escolar”* (portfólio).

Na área educacional considera-se fundamental proporcionar ao grupo de professores momentos de análise e reflexão da sua prática, como condicionante para a realização de um trabalho de qualidade que vai ao encontro dos anseios deles próprios e da comunidade escolar.

Durante a realização das rodas de conversa ficou constatada a necessidade que os professores sentem de momentos para estudo, formação continuada em serviço, reuniões que não sejam apenas para tratar de informes e assuntos administrativos, seminários coerentes com o contexto educacional atual, planejamento coletivo das ações da escola e que possibilitem a participação não tutelada da comunidade escolar, já que a expressão “planejamento coletivo” prevê a participação de todos os envolvidos no processo e não apenas de seus representantes. De acordo com Vasconcelos (2002, p. 50), “[...] a democracia representativa afasta o indivíduo do conceito de cidadão. O elemento humano concebe o governo como algo alheio ou mais precisamente, como posse natural dos detentores do Poder”.

A discussão dos dados será apresentada por meio de três grandes categorias, que trazem as reflexões, inquietações e balizamentos decorrentes do processo de intervenção pedagógica realizado por meio das rodas de conversa. Essas categorias foram permeadas por subcategorias que direcionam as análises dos dados coletados com os teóricos que subsidiam cada tema destacado. A escolha das categorias se deu por meio da análise das respostas dos participantes da pesquisa, onde no questionário sugeriram as temáticas relevantes que gostariam de estudar. Muitas respostas apontavam para a questão do modelo de gestão como um facilitador ou dificultador do processo ensino aprendizagem, bem como, do quanto a falta de participação nos processos pedagógicos e administrativos da escola impediam o desenvolvimento da mesma. Refletir a gestão democrática foi um dos caminhos escolhidos para dialogar sobre tais inquietações.

Outra temática destacada na fala dos participantes foi a questão da falta de comprometimento dos docentes com o fazer pedagógico na escola, ocasionado talvez, pela falta

de identidade com a própria profissão, tão desvalorizada nos dias atuais. Tal perspectiva de estudo citada pelos participantes proporcionou a escolha para conversar sobre a ética e a profissão docente.

A primeira categoria trata da “Profissão docente”, a segunda categoria discute a “Gestão Democrática” e a terceira categoria aborda a “Ética no contexto escolar”.

5.1 Profissão Docente

Essa categoria aborda a situação do professor enquanto profissional a partir da constituição da sua identidade docente, bem como, as dificuldades ocorridas no exercício da profissão apresentadas pelos professores no decorrer das rodas de conversa. Os encontros identificaram alguns aspectos que dificultam a prática docente e, em alguns casos torna o magistério como uma profissão menos valorizada pela própria categoria, dentre eles, a ausência de processos de formação continuada na escola, a falta de tempo dos professores e gestores para dialogarem e refletirem sobre suas práticas, o despreparo para trabalhar com os alunos incluídos, entre outros.

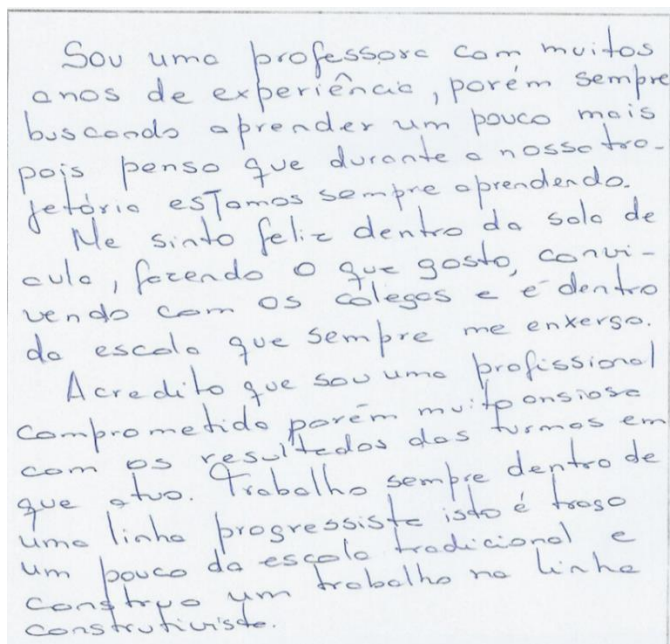
5.2 Como os professores compreendem e constroem sua identidade profissional docente?

Pensar a profissão docente num cenário desafiador como que estamos vivenciando, significa compreender e resgatar o real sentido dos profissionais da educação na sociedade.

Quando perguntados sobre os principais desafios presentes na escola atualmente, os professores revelaram “*a conjuntura de desvalorização da docência*” (professora 01) como fator de desmotivação para o desempenho dos mesmos na escola.

Na roda de conversa que promoveu a dinâmica de construção da identidade, os professores revelaram os motivos pela escolha profissional, tendências pedagógicas adotadas, bem como, parte de sua trajetória no magistério.

Figura 04: escrita de uma professora a respeito da sua identidade docente



Sou uma professora com muitos anos de experiências, porém sempre buscando aprender um pouco mais pois penso que durante a nossa trajetória estamos sempre aprendendo. Me sinto feliz dentro da sala de aula, fazendo o que gosto, convivendo com os colegas e é dentro da escola que sempre me enerso. Acredito que sou uma profissional comprometida porém muito ansiosa com os resultados das turmas em que atuo. Trabalho sempre dentro de uma linha progressista isto é trazo um pouco da escola tradicional e construo um trabalho na linha construtivista.

As condições às quais são submetidos os profissionais da educação nas distintas redes públicas de ensino no país têm sido objeto de preocupação da sociedade. Os baixos salários, a falta de perspectiva na carreira, a carga de trabalho e problemas de infraestrutura que afetam diretamente a prática docente são apontados como fatores preocupantes por pesquisas acadêmicas, pelos sindicatos, pela imprensa e pela sociedade em geral.

São numerosos estudos que demonstram a perda de autonomia dos docentes pelos processos de massificação do ensino trazida pela expansão da escolaridade, o arrocho salarial imposto a esses trabalhadores combinado à deterioração das condições de trabalho, em muitos casos afetando a saúde dos trabalhadores, a crescente feminização do magistério, entre outros aspectos que foram ocorrendo nas últimas décadas do século passado. O alto grau de intensificação do trabalho, os docentes assumindo novas funções e responsabilidades no contexto escolar, além da crescente pauperização desses trabalhadores e de seus alunos e as consequências diretas desses fatores sobre os resultados escolares (OLIVEIRA, 2013, p.53).

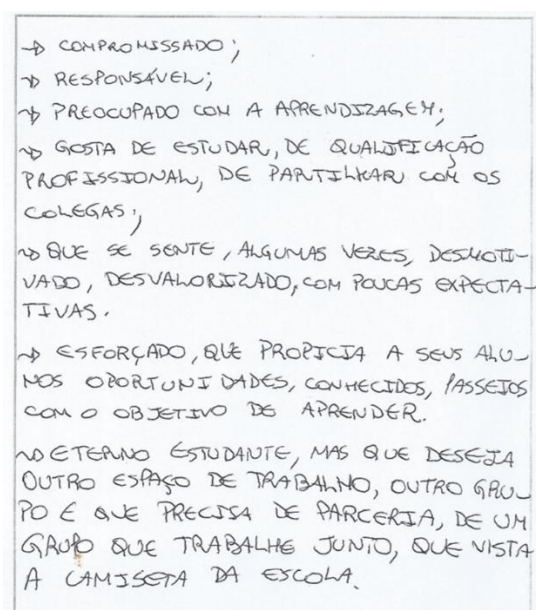
Em estudo realizado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep), denominado “Quem quer ser professor no Brasil? 25% ainda não haviam escolhido, até aquele momento, a profissão que pretendiam seguir. Dos que já haviam feito sua escolha, a maioria optou por profissões da área de Ciências Biológicas e da Saúde, seguidas por profissões da área de Engenharias e Ciências Tecnológicas e da área de Ciências Humanas. Aqueles que escolheram a profissão de Professor da Educação Básica correspondem a apenas 5,2% dos jovens. Os 5,2% candidatos que pretendem exercer a docência apresentaram o seguinte perfil:

são mulheres, estudaram sempre em escolas públicas, têm renda familiar de até dois salários mínimos e a mãe não completou o ensino médio.

O estudo da identidade profissional remete aos saberes docentes e às competências que identificam a profissão. Saberes são conhecimentos teóricos e práticos necessários para o desenvolvimento profissional. Competências são as capacidades, as habilidades e as atitudes, relacionadas aos saberes que instrumentalizam o indivíduo a exercer, de forma adequada, a sua profissão. Nas falas dos professores aparece claramente a necessidade de momentos de estudo, de formação continuada que possibilitem repensar a docência enquanto profissão e não como vocação, como revela a fala da professora 02 “[...] escolhi ser professora por vocação...desde criança me imaginava professora...mas hoje os desafios são muitos, de formação por exemplo, terminei a faculdade e ainda não consegui fazer um curso de pós-graduação” (entrevista)

A maneira como os professores se enxergam, mostra o quanto a escola está distante de seus anseios profissionais.

Figura 06: escrita de um professor sobre sua identidade profissional



→ COMPROMISSADO;
 → RESPONSÁVEL;
 → PREOCUPADO COM A APRENDIZAGEM;
 → GOSTA DE ESTUDAR, DE QUALIFICAÇÃO
 PROFISSIONAL, DE PARTILHAR COM OS
 COLEGAS;
 → QUE SE SENTE, ALGUMAS VEZES, DESMOTI-
 VADO, DESVALORIZADO, COM POUCAS EXPECTA-
 TIVAS.
 → ESFORÇADO, QUE PROPICIA A SEUS ALU-
 MOS OPORTUNIDADES, CONHECIDAS, PASSAJES
 COM O OBJETIVO DE APRENDER.
 → ETERNO ESTUDANTE, MAS QUE DESEJA
 OUTRO ESPAÇO DE TRABALHO, OUTRO GRU-
 PO E QUE PRECISA DE PARCERIA, DE UM
 GRUPO QUE TRABALHE JUNTO, QUE VISTA
 A CAMISSA DA ESCOLA.

Como se pode ver, a relação entre identidade e profissão envolve inúmeros fatores ao longo de um processo, tendo, como pressuposto, a participação ativa do indivíduo que busca integrar os saberes teóricos à sua prática num processo contínuo ao longo da carreira profissional.

5.3 Influência da atual conjuntura do trabalho docente na prática escolar?

Analisar as condições em que se encontra o trabalho na modernidade torna-se fundamental para conceber o mundo da escola que teve sua origem alicerçada no mundo do trabalho. Assim, se a escola encontra-se vinculada à sociedade assentada no trabalho, considera-se que as alterações ocorridas no mundo do trabalho provocam efeitos para o trabalho docente.

A necessidade de mudanças na profissão docente estiveram presentes por muitos anos em torno da discussão sobre a profissionalização docente, como nos diz Labaree (1999, p.20):

Há uma série de razões para crer que o caminho para a profissionalização dos docentes encontra-se cheio de crateras e areias movediças: os problemas próprios que surgem ao tentar promover os critérios profissionais dentro de uma profissão tão massificada, a possibilidade de desvalorização das habilitações como consequência do aumento dos requisitos educativos, a herança niveladora dos sindicatos dos professores, a posição histórica da docência como forma de trabalho própria de mulheres, a resistência que oferecem os pais, os cidadãos e os políticos à reivindicação do controle profissional das escolas, o fato de a docência ter demorado a se incorporar a um campo infestado de trabalhos profissionalizados, a prévia profissionalização dos administradores das escolas e o excessivo poder da burocracia administrativa, a prolongada tradição de realizar reformas educacionais por meio burocráticos (...) e a diversidade de entornos em que se dá a formação dos professores.

Numa sociedade onde o domínio da saber está nas mãos da elite, como entender a necessidade de alfabetizar milhares de seres humanos, visto que isto os leva a conquistar o mínimo de autonomia e assim saírem de seu estado vegetativo, ainda que isto seja insuficiente para torná-los livres? Entretanto, para a sociedade capitalista, em princípio não há problema algum na universalização da escola, desde que ela não coloque em risco a propriedade privada (ORSO, 2008, P.53).

Claramente a situação apresentada por Orso no sentido de ofertar ao homem uma condição de emancipação e desenvolvimento integral, representa o rompimento com o capital, pois diz ele: “não basta promover reformas é preciso acabar com o modo de produção capitalista, com a sociedade de classes e com o Estado” (2008.p.58). No mundo capitalista não há espaço para o homem que não dá lucro, que não gera capital. Nesse sentido o professor é aquele que prepara os futuros trabalhadores para que “amistosamente” alienem sua força de trabalho.

Quando perguntados sobre “Quais os principais desafios presentes na escola atualmente?” os professores destacaram a falta de tempo para formação continuada e a desvalorização enquanto profissão como principais problemáticas. Seguem as opiniões: “*Penso que os problemas de aprendizagem e a falta de formação continuada.*” (professora 01) “*As*

relações interpessoais no ambiente escolar.” (professor 02) “A conjuntura de desvalorização da docência e a falta de espaços para estudo e reflexão.” (professora 03) “A inclusão e a falta de formação continuada coerente com a realidade da escola.” (professor 04) “Manter o interesse do aluno para aprender, a necessidade de cursos, seminários para os professores repensarem suas práticas.” (professora 05) “A indisciplina, descaso da família, relações de poder na escola.” (professor 06) “Minha formação que não me capacitou para trabalhar com alunos incluídos.” (professora 07)

A formação continuada em serviço é clamor entre professores que acreditam ser a escola o ambiente mais adequado para oportunizar momentos de estudo.

Grande parte dos profissionais da educação, especialmente os que atuam como docentes contam com o salário como única forma de sobrevivência. Deste modo, é comum constatar professores que ao terem oportunidade migram para outras profissões mais lucrativas ou tentam outros concursos que ofertem uma melhor condição econômica.

5.4 Está instaurada uma crise da profissão docente?

Compreender os elementos que constituem a melhoria da educação leva à muitas abordagens que responsabiliza o professor pela tarefa educativa, desconsiderando a corresponsabilidade por parte da gestão e demais estruturas sociais que envolvem o contexto escolar.

O debate em torno do profissional docente foi adquirindo ao longo do tempo, uma característica administrativa, corporativista e funcionalista. Mais do que um debate sobre o presente e o futuro de uma profissão com uma marcada feição autônoma e intelectual, o que se oferece é uma visão de uma profissão assalariada, mais administrativa do que intelectual, e sumamente tutelada e dependente dos poderes públicos ou privados. Enfim, um debate que parte da premissa de que se trata de uma profissão incapaz de criar conhecimento profissional, que se limita a reproduzir a cultura e o conhecimento que outros cultivaram e desenvolveram (IMBERNÓN, 2011, pag.117).

Repensar a profissão docente, diante dos desafios educacionais encontrados na escola hoje, torna-se uma necessidade. Imbernón (2011), faz um resgate histórico da profissão docente, dizendo:

Historicamente, a profissão docente, ou seja, a assunção de uma certa profissionalidade (uma vez que a docência é assumida como “profissão” genérica e

não como ofício, já que no contexto social sempre foi considerada como uma semiprofissão) caracterizava-se pelo estabelecimento de alguns traços em que predominava o conhecimento objetivo, o conhecimento das disciplinas à imagem e semelhança de outras profissões. Saber, ou seja, possuir um certo conhecimento formal, era assumir a capacidade de ensiná-lo (p.13).

As políticas públicas voltadas para o desenvolvimento profissional docente, manifestado nos documentos oficiais nos governos brasileiros, pouco contribuíram de fato para qualificar o fazer educativo e melhorar as condições de trabalho e remuneração desses profissionais. Da mesma forma, que os movimentos sindicais pouco utilizaram o desenvolvimento profissional docente como um argumento para lutar por maior profissionalização. Apesar da obrigatoriedade escolar, a profissão docente vive uma constante crise ética, econômica, estrutural enquanto categoria e social, que exige uma ressignificação profissional.

Após a promulgação da Lei de Diretrizes e Bases (LDB) cresceu significativamente o número de professores com curso superior, sendo o avanço mais expressivo entre os professores que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep) revela que em 2001, menos de um terço desses professores (27%) tinha formação superior. Já em 2010, essa porcentagem mais que dobrou, passando para 62,4%.

As políticas de formação docente no Brasil adquiriram importância nas últimas décadas em virtude da necessidade de responder às exigências de titulação ao conjunto dos profissionais que atuam nas instituições de educação básica e à possibilidade de demandas de novos profissionais para atender o aumento da obrigatoriedade escolar.

A crise que existe na profissão docente necessita de medidas efetivas de reforço à carreira tanto no sentido das formas de ingresso quanto de permanência dos professores no cargo, pressupondo melhores condições de trabalho e de remuneração.

Refletir de forma crítica em relação à profissão docente muitas vezes coloca os colegas em contradição com a realidade vivenciada, especialmente quando ocupam cargos de gestão na escola, como nos revela a percepção do professor na figura 07.

Figura 07: percepção do gestor da escola sobre sua identidade profissional

→ PREOCUPADO COM A APRENDIZAGEM DOS ALUNOS,
 → PREOCUPADO COM A SAÚDE DOS PROFESSORES,
 → CONTENTE COM A MARCHA DA NOSSA CLASSIFICAÇÃO NO IDEB.
 → CASOS PONTUAIS → ALUNOS → COLEGAS,
 → VERBAS,
 → FELIZ COM A SITUAÇÃO GERAL.

5.5 Ética na escola

Ao falar de ética no contexto escolar, faz-se necessário repensar o papel de cada uma na escola. No decorrer do desenvolvimento das rodas de conversa que refletiram sobre esse tema, foi possível constatar que o ato educativo não pode se restringir ao trabalho dos docentes somente, sendo os funcionários e a equipe gestora também corresponsável pela realização do processo educacional como um todo, ou seja, considerando todos como educadores.

Figura 08: imagem do Fanzine de uma professora feito sobre ética na escola



5.6 Como os professores percebem as relações da ética com a prática na escola?

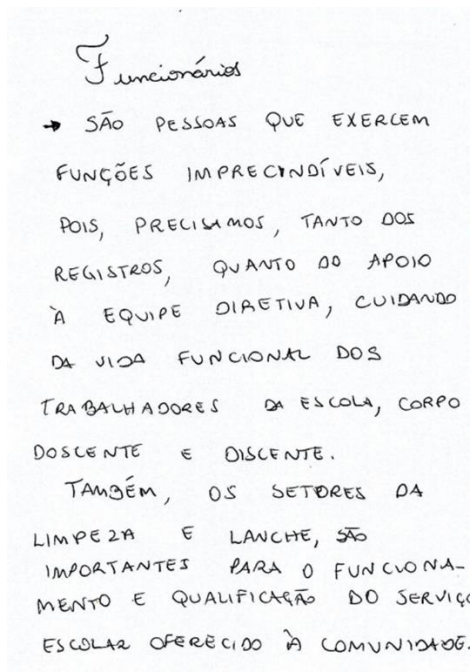
Falar de ética na escola hoje, tem muito mais significado se for relacionada com os processos de gestão e ensino-aprendizagens, do que no sentido de moral. Ético é todo o

comportamento que visa considerar o outro como legítimo outro, dando-lhe as mesmas oportunidades de aprendizagem e participação.

Os professores ao serem questionados sobre “o que entendem por ética no contexto da escola?” revelaram que relacionam a ética com o seu agir enquanto profissionais. “*É como devo agir, nem tudo que quero eu posso, devo ter postura*” (professora 01) “*...não expor problemas pedagógicos de outros para outros, agir com respeito perante todos.*” (professora 02) “*Ética se refere às concepções de como utilizamos e aplicamos nossos valores e os refletimos no ambiente escola*” (professora 03) “*...entendo como o respeito, comprometimento, compromisso com sua identidade profissional docente.*” (professora 04) “*...é a conduta, é o modo como devo me relacionar no contexto do ambiente escolar.*” (professora 05)

Falar de ética também é reconhecer e valorizar o importante papel que cada um exerce no ambiente escolar, seja na produção e transmissão dos conhecimentos historicamente construídos, seja limpeza e organização dos espaços, como nos diz a professora 4 no seu comentário sobre o papel dos funcionários:

Figura 09: escrita da professora 04 sobre o papel dos funcionários na escola:



Funcionários

→ SÃO PESSOAS QUE EXERCEM FUNÇÕES IMPRECIÁVEIS, POIS, PRECISAMOS, TANTO DOS REGISTROS, QUANTO DO APOIO À EQUIPE DIÁRIA, CUIDANDO DA VIDA FUNCIONAL DOS TRABALHADORES DA ESCOLA, CORPO DOCENTE E DISCENTE. TAMBÉM, OS SETORES DA LIMPEZA E LANCHE, SÃO IMPORTANTES PARA O FUNCIONAMENTO E QUALIFICAÇÃO DO SERVIÇO ESCOLAR OFERECIDO À COMUNIDADE.

É comum perceber as crianças quando chegam pela primeira vez na escola se dirigirem aos professores e funcionários sem estabelecerem relações de poder, de cargo ou função, para elas todos que ali estão têm a mesma pretensão que é de cuidar e educar. Entretanto, o mundo oficial, a burocracia cria essa distinção: ao professor cabe a função de educador e aos funcionários a função de apoiadores, como se participassem em menor escala ou com menor compromisso na tarefa educativa da escola.

É preciso romper com essa concepção, pois na escola todos são educadores, todos devem possuir conhecimentos técnicos inerentes ao seu cargo e competências éticas, relacionais onde todos se colocam como corresponsáveis pelo processo educativo. Não é o diploma do professor que o torna educador, mas o seu compromisso com o aprendizado do aluno, a atitude frente aos valores éticos, sua atualização constante no domínio dos conhecimentos.

Também o diretor, como uma das lideranças na organização institucional, necessita rever e adequar o seu papel enquanto fomentador e oportunizador de espaços de participação da comunidade escolar, colocando-se dentro do processo de ensino como corresponsável, juntamente com os professores, das aprendizagens, sendo ele educador, como nos diz Saviani:

A escola é uma instituição de natureza educativa. Ao diretor cabe, então, o papel de garantir o cumprimento da função educativa que é a razão de ser da escola. Nesse sentido, é preciso dizer que o diretor de escola é antes de tudo, um educador; antes de ser administrador ele é um educador. (SAVIANI, 1996, p.208)

Abordar a ética nas relações interpessoais na escola pública necessita reconhecer que o ambiente escolar é um lugar onde encontram-se pensamentos convergentes e divergentes que devem ser ouvidos e respeitados, pois a interação social é um dos aspectos que fundamentam a ação democrática.

Percebe-se nas falas dos professores o termo ética muito relacionado nas questões de valores morais: *“...hoje em dia os alunos trazem suas regras e querem colocar em prática na escola, desrespeitando as regras da escola” (professor 02) “percebemos que a escola é um todo...um conjunto, uma engrenagem que necessita estar sempre ajustada para que tudo funcione com o máximo de harmonia, todos falando a mesma linguagem. Não é ético o professor dizer uma coisa e os demais setores da escola dizerem outra” (professora 04) “muitas vezes fugimos completamente da nossa missão na escola, que é ensinar, porque precisamos dar conta do que a família não assume...” (professora 06)*

Analisando as falas dos professores observa-se que assim como ocorre na sociedade o conceito sobre ética se confunde com o da moral, o que provoca uma visão confusa também da escola enquanto espaço de interação social, que reflete posturas hierárquicas e autoritárias que são contrárias à postura democrática. A ética não é a moral, sendo assim, não pode ser reduzida a um conjunto de normas e regras. *“Ética é um termo utilizado para designar um juízo crítico de valor repleto de sentido, ou seja, substantivo, argumentado”.* (BOTLER, 2004, p. 114)

A escola constitui-se num sistema social resultante “da interação de uma pluralidade de agentes individuais (professores, especialistas, diretores, alunos, etc) cujas relações

recíprocas são mutuamente orientadas, isto é, são definidas e transmitidas por um sistema de expectativas, culturalmente estruturadas e compartilhadas”. (SILVA, Dicionário de Ciências Sociais, 1987, p. 1128)

Os processos desenvolvidos na escola, sejam eles de cunho pedagógico ou técnico-administrativo se caracterizam tendo como base as ações, crenças, hábitos e expectativas de cada indivíduo, bem como nas normas legais existentes.

A escola democrática, por sua vez, é definida por uma estrutura de funcionamento não hierarquizada, onde o gestor escolar coordena as atividades, refletindo as determinações da rede de ensino como representante da rede escolar, bem como realiza internamente o trabalho de congregação de esforços coletivos para a realização de tarefas definidas consensualmente (BOTLER, 2004, p. 163).

A existência de uma conduta ética na escola dependerá do agir consciente de cada indivíduo, sabendo diferenciar o valor dos atos e das condutas, refletindo sobre os fatos que acontecem de maneira responsável, com uma consciência moral, como afirma Chauí, “a consciência moral manifesta-se antes de tudo na capacidade de deliberar diante de algumas alternativas possíveis, decidindo e escolhendo uma delas antes de lançar-se na ação”(CHAUÍ, 1997, p.337).

Nesse sentido, uma gestão somente será democrática, autônoma e ética, quando seus integrantes tiverem consciência que para atuarem necessitam ter a percepção dos valores morais que são refletidos nas ações e comprometimento de cada um traduzindo-se em participação. Ética se constrói num processo de reflexão crítica, interação e respeito.

Uma comunidade escolar que alimenta um propósito de favorecer uma formação ética dos seus alunos não pode simplesmente submeter-se às exigências de um sistema regido pelos princípios neoliberais, mercadológicos e de competitividade que afastam e rivalizam os indivíduos na contramão do sentido ético que é o de congregar e socializar (GOERGEN, 2001, p.83)

Os integrantes da equipe gestora, grupo de professores e funcionários necessitam mais do que nunca assumir o papel de agentes sociais, formadores de opinião, capazes de problematizar e perpassar as demandas que o sistema capitalista impõe, pois independente do cargo ou da função que cada um ocupe no espaço escolar, compete a todos o exercício da ética e da formação cidadã.

Os professores entendem que o comportamento ético acontece quando se deparam com situações em que precisam escolher um lado, uma postura, emitir uma opinião. Dessa forma, reconhecem que a ética está intimamente relacionada com a liberdade, com a participação,

consequentemente com a gestão democrática. *“No cotidiano escolar só se tem uma escola realmente ética e democrática quando o trabalho é feito em equipe. E digo “equipe” todos que compõem esta carpintaria, como nos trouxe a história.”* (professora 02) *“cada um é fundamental nesta construção, todos fazem parte deste processo, se der certo o mérito é de todos, se der errado o compromisso é de todos também...”* (professor 05) *“Os grupos humanos são formados por diferentes características, é importante convergir para o bem comum.”* (professor 03) *“ Todos os trabalhadores da escola possuem compromissos de educador, seus valores contribuem para o crescimento ético e social de todo o ambiente escolar.”* (professora 07)

A participação é trazida pelo grupo de professores como atitude fundamental na realização do processo democrático na escola. Sistematizar oportunidades de encontro, de estudo, de discussão constitui-se como uma necessidade na escola. É praticamente impossível ocorrer a mudança de postura num espaço educativo se o mesmo não olha para seus próprios processos numa atitude reflexiva, como nos afirma Hora:

O processo participativo, sobretudo internamente, é decisivo para que o grupo se constitua e se mantenha como tal. Ou definitivamente se aposta na responsabilidade coletiva, fazendo com que o grupo responda como um todo pelas ideias e desoluções em que acredita e endossa, ou permanecerá nas soluções intermediárias, em que uma esfera de poder mantém-se inatingível, a pretexto de garantir, contra possíveis descompromissos, a integridade da proposta. (HORA, 2002, p. 91)

Ao serem perguntados sobre “quais as causas das não aprendizagens na escola hoje?” Os professores trazem presentes a necessidade de apontar um culpado para tal problemática, sendo a família a mais destacada nas falas. Seguem as respostas: *“Para mim, o descaso das famílias e a própria reforma do ensino.”* (professora 01) *“a falta de comprometimento muitas vezes dos alunos e da família...problemas emocionais e dificuldades de aprendizagem.”* (professora 04) *“Falta de estímulos por parte das famílias, dificuldades de aprendizagem não aceitas pelos pais dos alunos.”* (professora 04) *“...a infrequência, falta de apoio familiar.”* (professora 07) *“O contexto de cada aluno, o comprometimento, a metodologia do professor.”* (professor 08) *“ Falta de apoio da família e as deficiências que alguns possuem.”* (professora 09) *“...questões biológicas e metodologias inadequadas.”* (professora 10) *“ O planejamento e a família.”* (professor 03) *“Falta de conhecimento (leitura) e pesquisa sobre questões de aquisição do conhecimento e suas implicações.”* (professora 11)

Os professores demonstraram a necessidade de reservarem um tempo para estudo sobre as principais dificuldades apresentadas pelos alunos, especialmente, sobre as deficiências dos alunos incluídos.

É papel da escola e de todos os envolvidos no processo educativo a gestão das aprendizagens enquanto compromisso ético. A culpabilidade como resposta às não aprendizagens torna a escola estagnada, incapaz de romper com os processos ineficazes que não estejam cumprindo sua função de ensino e de aprendizagem. Para além disso, faz-se necessário rever metodologias, espaços e oportunidades de ensino ofertadas aos alunos, em outras palavras, é necessária uma nova ética na gestão da educação.

5.7 Gestão Democrática

A concepção de gestão democrática na escola pública, prevendo a participação de todos os envolvidos no processo educativo, sejam eles, pais, professores, funcionários, gestores, na grande maioria das vezes nos parece utopia. Destacando aqui que a palavra utopia refere-se a algo ou lugar que não existe, mas que pode existir por ser colocada como anseio e possibilidade na resolução e mediação dos problemas enfrentados pela escola, que podem ser de ordem pedagógica ou administrativa. Dentre os principais problemas percebidos na escola hoje, percebe-se que as pessoas que trabalham na escola, por vezes, veem-se como proprietários dela. É comum encontrar docentes pensarem, por vezes que a participação comunitária pode ameaçar sua autoridade pedagógica. Os gestores escolares muitas vezes não gostam de socializar o poder. Os familiares dos alunos por sua vez não são bobos e não participam daquilo que é um “jogo de faz de conta” democrático, além de não gostarem muito de se envolver nas questões “internas” da escola, a menos que tenha relação imediata com seu filho. Numa gestão democrática é necessário ter a consciência de que precisamos uns dos outros.

5.8 A escola promove ações de gestão democrática?

Quando perguntados em relação à participação da comunidade na escola, ficou claro na fala dos professores que a presença das famílias dos alunos se dá basicamente em dias de entregas de resultados (avaliações), eventos festivos e quando chamados pela direção para resolver assuntos relacionados aos alunos. Outras participações são pontuais, como nas assembleias promovidas para discussão e aprovação do Calendário Escolar e prestação de

contas, onde demonstram uma certa apatia, ficando nas mãos do diretor ou do presidente do Círculo de Pais e Mestres e Conselho Escolar o poder de decisão.

Alguns professores argumentaram que a escola não incentiva a participação da comunidade, pelo fato de fazer o chamamento em horário inadequado para as famílias, proporcionando a elas uma participação de certa forma tutelada, pois não ofertam oportunidades de construção de projetos, apenas consultam sobre a aprovação ou não de propostas que já estão prontas, algo que já está posto. *“...não perguntam como poderia ser o Calendário Escolar, não pedem opinião sobre os feriados, trazem pronto, apresentam e pedem aprovação do mesmo, é assim.”* (professora 04) *“Marcam as reuniões bem na hora em que os pais estão trabalhando.”* (professora 05)

Outros professores disseram que as famílias são chamadas quando acontece algum problema e, por isso, constituiu-se a cultura da não participação *“...só comparecem na escola para resolver problemas, desconfiam quando chamam para outro propósito.”* (professor 02)

A gestão participativa prevê a busca de objetivos comuns a todos, tomada de decisões coletivas e ênfase nas relações humanas, apresentando-se como condição para romper o modelo de gestão escolar conservadora e individualista, como propõe Libâneo (2006):

Os objetivos sociopolíticos da ação dos educadores voltados para as lutas pela transformação social e da ação da própria escola de promover a apropriação do saber para a instrumentação científica e cultural da população, é possível não só resistir às formas conservadoras de organização e gestão como também adotar formas alternativas, criativas, que contribuam para uma escola democrática a serviço da formação de cidadãos críticos e participativos de da transformação da relações sociais presentes. (LIBÂNEO, 2006, P. 328)

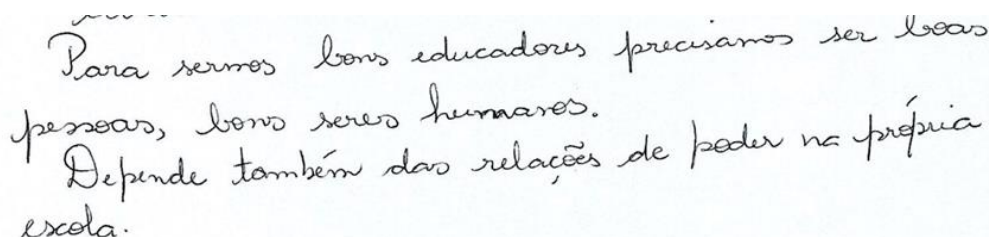
A escola, por vezes, acumula más experiências com formas inadequadas de participação comunitária, existindo uma pequena cultura de participação, dentro e fora da escola. A ação democrática abre caminhos e possibilitando o canal de participação, promovendo a escola como um espaço de interação plena com a sociedade, agindo como uma verdadeira comunidade educativa, como argumentam Gadotti e Romão (1997, p.16)

Todos os segmentos da comunidade podem compreender melhor o funcionamento da escola, conhecer com mais profundidade os que nela estudam e trabalham, intensificar seu envolvimento com ela e, assim, acompanhar melhor a educação ali oferecida. (GADOTTI e ROMÃO, 1987, p.16)

É importante que as pessoas participem da discussão, em igualdade de condições, sem ter receio de expor posições contrárias. A manipulação de reuniões, na condução de decisões

que privilegiam grupos ou mesmo interesses pessoais, pode gerar situações em que o autoritarismo surge, com máscaras de gestão democrática, como mostra a fala da professora 02:

Figura 10: escrita de uma professora sobre Gestão Democrática na escola

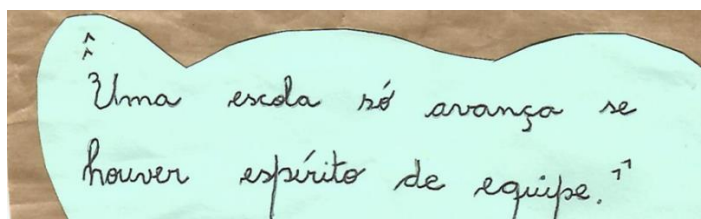


Para sermos bons educadores precisamos ser boas pessoas, bons seres humanos. Depende também das relações de poder na própria escola.

Existem estratégias que podem ser desenvolvidas para a efetivação de ambientes participativos, mobilizadores de pessoas como diz Dourado (2001,p.33): saber ouvir todas as opiniões, ter uma escuta sensível aos apelos da comunidade, ouvir atentamente, delegar responsabilidades ao máximo possível de pessoas, descentralizando o poder, mostrar o comprometimento e a importância do papel de cada um para o bom andamento do processo, garantir a palavra a todos, respeitar as decisões tomadas no coletivo, criar ambientes físicos adequados, tornar a escola um espaço de sociabilidade, valorizar o trabalho participativo, destacar a importância da integração entre as pessoas, permitir que o trabalho realizado na escola seja avaliado pela comunidade por meio de processos de avaliações institucionais, valorizar a presença de cada um, desenvolver projetos educativos voltados para a comunidade, ressaltar a importância da comunidade na construção da identidade da escola, tornando o espaço escolar acessível e disponível para a comunidade.

Essas estratégias contribuem para o fortalecimento da gestão democrática na escola, possibilitando que os sujeitos sintam-se parte do processo, compartilhando e corresponsabilizando-se por suas fragilidades e potencialidades, sem perder de vista o compromisso com os problemas sociais que afetam a escola e quem nela atua, como nos mostra a opinião do professor 03, na figura:

Figura 11: escrita de uma professora sobre Gestão Participativa na escola



Uma escola só avança se houver espírito de equipe.¹

Os professores precisam aceitar a contribuição da comunidade naquilo que, presumidamente, é nosso, a pedagogia. A comunidade escolar tem muito a contribuir a partir do momento que lhe for concedida a oportunidade de participação, que pode ser estimulada por

meio dos colegiados, Conselhos Escolares, Círculo de Pais e Mestres, Grêmios Estudantis ou da abertura de outros canais de participação coletiva, como reuniões, rodas de debates e assembleias.

O processo metodológico adotado mostrou-se adequado, pois permitiu o alcance dos objetivos propostos, percebendo-se nos participantes mudanças de comportamento no que se refere ao desenvolvimento de suas atividades pedagógicas na escola, bem como, postura crítica diante dos processos executados. A partir dos encontros, o grupo sistematizou a continuidade dos momentos de estudos, para reflexão e planejamento de ações coletivas na escola.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse Relatório Crítico-Reflexivo resulta da pesquisa realizada na Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas que teve por objetivo central planejar e implementar espaços de formação ética na escola, centrado no estudo e discussão a respeito do comprometimento e corresponsabilidade dos professores no processo ensino-aprendizagem. A metodologia adotada na realização dessa pesquisa foi do tipo intervenção pedagógica que se caracteriza como uma abordagem que pressupõe o planejamento e a efetivação de mudanças nos espaços de atuação, buscando a sua melhoria, por meio da qualificação da prática pedagógica e a aprendizagem dos sujeitos envolvidos.

Os sujeitos foram os professores (docentes e equipe gestora) da escola. O estudo baseou-se na observação e identificação dos interesses dos professores em dialogarem a respeito das questões da ética na escola, levando em conta sua pré-disposição em atividades de estudo e reflexão. Tais atividades de estudo e reflexão foram denominadas rodas de conversa, realizadas semanalmente. Essas rodas de conversa assumiram uma rotina de trabalho que iniciava com uma dinâmica de acolhida vivencial para introduzir o assunto, passando por um momento de fundamentação teórica para posteriormente propiciar a discussão reflexiva e o compartilhamento de ideias, finalizando com uma avaliação do encontro e registro nos portfólios individuais.

Como contribuição e aprofundamento do estudo, utilizei diversos autores que compuseram o referencial teórico e ajudaram a subsidiar as rodas de conversa, dando sustentação teórica aos temas abordados.

Por serem os professores o público da pesquisa, procurei dar ênfase aos temas pertinentes elencados por eles e que estão presentes no cotidiano da escola, a começar pela constituição da identidade profissional docente. Na sequência discuto a importância da gestão e do estabelecimento de espaços de participação na escola focando na gestão democrática que foi colocada pelo grupo de professores como uma necessidade. Termino pontuando a ética no contexto escolar como temática que permeia toda a discussão e estudo.

Avaliando o objetivo central da pesquisa, que foi de promover espaços de discussão e formação ética na escola, posso dizer que o mesmo foi alcançado e seus resultados e desdobramentos para além do esperado, tendo em vista que os professores constituíram a partir das rodas de conversas realizadas, um espaço permanente de estudo e reflexão.

A realização dessa pesquisa me fez constatar a necessidade da formação continuada no processo educativo e no quanto a rede estadual da qual faço parte carece desses momentos. É necessário que sejam oportunizados momentos em que as pessoas participem das discussões, em igualdade de condições, sem ter receio de expor posições contrárias. Sabe-se que a manipulação de reuniões na condução de decisões que privilegiam grupos ou mesmo interesses pessoais pode gerar situações em que o autoritarismo surge, disfarçado de gestão democrática.

Ao abordar a temática identidade profissional, os professores trouxeram relatos de sua trajetória profissional docente, marcadas por inúmeros desafios, dentre eles, a histórica desvalorização da carreira do magistério e a carga social que enfrentam diariamente, considerando que constituir-se profissional da educação exige não somente competência técnica e relacional, mas compromisso social.

Para ampliar o debate trago a análise feita posterior à aplicação dos instrumentos de coleta de dados e realização rodas de conversa, que denominei como “Reflexões, inquietações e balizamentos decorrentes do processo de intervenção pedagógica”, a qual abordou as percepções dos professores a partir das provocações feitas nas rodas de conversa, dialogando como os autores que embasaram o estudo.

Estas discussões além de gerarem aprendizagem, desencadearam algumas reflexões sobre esses achados da pesquisa, revelando que é possível promover espaços de formação pautados na participação coletiva, respeitosa, que qualifica a ação pedagógica, sem perder a rigorosidade do estudo, fundamental na integração teoria e prática.

Nossos encontros não foram uma mera transmissão de conhecimento, mas momentos que oportunizaram o diálogo, a escuta, troca e valorização dos saberes uns dos outros, a reflexão sobre a prática, a percepção das fragilidades e potencialidades da escola enquanto ambiente democrático de participação e formação, entendendo que a ética consiste em assumir coletivamente o compromisso com a educação, fazendo dela uma ferramenta de transformação social.

Foi possível constatar por meio das rodas de conversa que a concepção de participação na escola restringe-se às ações individuais, não havendo um pensamento que indique uma participação do coletivo, o que nos reforça a ideia da necessidade de um canal de comunicação estreita partindo do estímulo do gestor. Percebeu-se um ambiente favorável para a troca de experiência e ideias pelas relações positivas entre os participantes que, embora tenham

situações de divergência de concepções, debatem de maneira harmoniosa tendo o respeito como um dos imperativos éticos garantido.

A construção de ambientes democráticos, a valorização da comunidade escolar, o estímulo à participação, o diálogo como meio de resolução de problemas e superação de conflitos e a ética presente na coerência entre projeto e processo de ensino, entre o discurso e a prática, faz da escola mecanismo promotor de cidadania.

No que se refere aos aspectos que podem ser revistos destaco a dificuldade em organizar e garantir o tempo para momentos de estudo. As rodas de conversa aconteceram dentro da escola, que, apesar de ser um ambiente confortável, contendo todos os recursos físicos e materiais necessários, assumiram certa fragilidade, devido às demandas nos dias dos encontros, como interrupções para atendimento de pais, telefone, troca de dia e horário.

Ao término da intervenção ficou a certeza de que esses momentos de pausa para estudo e reflexão na escola, são de fundamental importância para sua (re)estruturação enquanto espaço de ensino e aprendizagem, participação de todos os envolvidos no processo educativo, na perspectiva de construção cidadã, como nos diz Brandão (2008):

A educação (...) deve ser um ato coletivo, solidário (...). Porque educar é uma tarefa de trocas entre pessoas e, se não pode ser nunca feita por um sujeito isolado (até autoeducação é um diálogo a distância), não pode ser também o resultado do despejo de quem supõe que possui todo o saber sobre aquele que, do outro lado, foi obrigado a pensar que não possui nenhum (p. 21-22)

Consistiu num grande, mas prazeroso desafio realizar o processo de intervenção pedagógica no espaço em que atuo como docente. Primeiramente por fazer parte do contexto enquanto integrante do quadro de pessoal da escola e ter que agir como pesquisadora, adotando postura de neutralidade diante da mediação das discussões. Segundo, pelas questões abordadas nas rodas que de certa forma problematizavam as próprias questões da escola, nem sempre positivas na opinião do grupo, reforçando o pensamento do quanto as pessoas necessitam ser ouvidas e do quanto as insatisfações podem minar o ambiente impossibilitando o crescimento do coletivo.

Constatei que a temática abordada não se encerra com esta pesquisa, pois ainda a muito a estudar, dialogar, refletir na caminhada em busca de uma escola pública de qualidade para todos. Faz-se necessário continuar instigando as equipes gestoras a abrirem esse espaço de estudo, de debate, de participação plena da comunidade, para assim repensar suas práticas.

Ao realizar um processo que envolve pesquisa tipo intervenção pedagógica pensa-se que enquanto pesquisadora é possível ser mais atuante, trazendo as demandas reais da escola de educação básica para a universidade, estabelecendo um diálogo mais próximo e eficaz, num regime de colaboração mútua. Nesse caso, me sinto feliz pela oportunidade que o mestrado profissional me ofertou de trazer a realidade da escola em que atuava deixando nela marcas produtivas por meio da pesquisa desenvolvida.

7 REFERÊNCIAS

- AFONSO, Maria Lúcia; ABADE, Flávia Lemos. **Rede de Cidadania Mateus Afonso Medeiros**. Belo Horizonte: Recimam, 2008.
- ALARCÃO, Isabel. **Escola Reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: ARTMED Editora, 2001.
- ALARCÃO, Isabel. **Professores Reflexivos em uma Escola Reflexiva**. 8ª Edição. São Paulo: Cortez, 2012.
- ALVES, Rubem. **Livro sem fim**. São Paulo: Loyola, 2002.
- AMBRÓSIO, Márcia. **O uso do portfólio no ensino superior**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ANDRADE, Rosamaria Cales de. Introdução: Gestão da Escola. In: ACÚRCIO, Marina Rodrigues Borges (coord.). **A gestão da escola**. Porto Alegre/Belo Horizonte: Artmed/ Rede Pitágoras. 2004.
- ANTUNES, Angela. **Aceita um Conselho? Como organizar o colegiado escolar**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- ARROYO, Miguel Gonzalez. **Ofício de Mestre**. 6ª Edição. Petrópolis: Vozes, 2002.
- AZEVEDO, José Clóvis de. **Escola Cidadã: Desafios, diálogos e travessias**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- BOTLER, Alice Miriam Happ. **A escola como organização participativa**. Programa de Pós-graduação em Sociologia. Recife: UFPE/PIMES, 2004. (Tese de Doutorado)
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é método Paulo Freire**. São Paulo: Brasiliense, 2008.
- BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. 16.ed. Rio de Janeiro: DP&A. 2004.
- BRASIL. **Lei 9394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional. In: Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 de dezembro 1996. ano CXXXIV, n.248.
- CARDOSO, Maurício Estevam. **Identidade(s) e identidade(s) docente(s)**. in jornal de políticas educacionais. n° 8, julho–dezembro de 2010. pp. 35–51. Disponível em: http://www.jpe.ufpr.br/n8_4.pdf. Acessado em: 18/01/13.
- CHAUÍ, Marilena. **Convite à Filosofia**. 5ª edição. São Paulo: Ed. Ática, 1995.
- CORTELLA, Mario Sergio. **Educação, Convivência e Ética**. São Paulo: Cortez, 2015.

- CÓSSIO, Maria de Fátima. Gestão democrática da educação: retórica política ou prática possível. In: CAMARGO, Ieda de. **Gestão e políticas da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2006.
- DAMIANI, M. F. **Sobre pesquisas do tipo intervenção**. In: XVI ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Práticas de Ensino - UNICAMP – Campinas: Unicamp, 2012.
- _____, M. F.; ROCHEFOR, R. S.; CASTRO, R. F.; DARIZ, M. R.; PINHEIRO, S. S. **Discutindo pesquisas do tipo intervenção**. **Cadernos de Educação**, Pelotas, n. 45, p. 57-67, jul/ago, 2013. Disponível em: <http://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/issue/current> Acesso em: 26 ago. 2014.
- DELORS, Jacques. **Educação, um tesouro a descobrir**. Brasília: Cortez, 2001.
- DOURADO, Luis Fernando. **Progestão: como promover, articular e envolver a ação das pessoas no processo de gestão escolar? Módulo II**. Brasília: CONSED. 2001
- DUBAR, Claude. **A Socialização: construção das identidades sociais e profissionais**. Trad. Annette Piarette R. Botelho; Estela Pinto Ribeiro Lamas. Porto: Porto Editora, 1997. (Coleção ciências da Educação, 24) ISBN 972.0.34124-6
- FREIRE, Paulo. **Educação com prática de liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra. 1996.
- FREIRE, Paulo. Apud NAVARRO, I.P. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Conselhos Escolares: democratização da escola e construção da cidadania/ elaboração Ignez Pinto Navarro... [et al.]** Brasília: EC, SEB, 2004.
- FURTADO, R. & FURTADO, E. **A Intervenção participativa dos Atores – INPA: uma metodologia de capacitação para o desenvolvimento sustentável**. Brasília: IICA, 2000.
- GADOTTI, Moacir. **Escola Cidadã**. 2ª edição. São Paulo: Ed. Cortez, 1993.
- GANDIN. Danilo. **A prática do planejamento participativo: na educação e em outras instituições, grupos e movimentos dos campos cultural, social, político, religioso e governamental**. Petrópolis: Vozes. 1994.
- GOERGEN, Pedro. **Pós-Modernidade, ética e educação**. São Paulo: Ed. Autores Associados, 2001.
- HORA, D.L. **Gestão democrática na escola: Artes e Ofícios da Participação Coletiva**. 9ª edição. São Paulo: Ed. Papyrus, 2002.

- IMBERNÓN, Francisco. **A educação no século XXI: os desafios do futuro imediato**. São Paulo: Artes Médicas, 2000.
- IMBERNÓN, Francisco. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 9ª Edição. São Paulo: Cortez, 2011.
- LABAREE, D.F. Poder, conocimiento y racionalización de la enseñanza: Genealogía del movimiento por la profesionalidade docente. In: PÉREZ, A.; BARQUÍN, J.; ÂNGULO, F. **Desarrollo profesional del docente**. Política, investigación y práctica. Madrid: Akal, 1999.
- LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 7ª ed. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2010.
- LIBÂNIO, José Carlos. **Organização e gestão na escola: teoria e prática**. 5 ed. Goiânia: MF Livros, 2008. ISBN 85-88253-25-9 MAY, Timl. **Pesquisa Social questões, métodos e processos**. Tradução de Carlos Alberto Silveira Netto Soares. 3.ed. Porto Alegre/BR: Artmed, 2004. ISBN 85-363-0199-6.
- LIBÂNIO, J.C. **Educação Escolar: políticas, estrutura e organização**. Coleção Docência em formação. Série Saberes Pedagógicos. 3ª edição. São Paulo: Cortez, 2006.
- LIBÂNIO, José C. **Algumas abordagens contemporâneas de temas da educação e repercussão na didática**. In: *Anais do VIII ENDIPE*, Vol. II, Florianópolis, 1996.
- _____. *Adeus professor, Adeus professora?* São Paulo. Cortez. 1998.
- LUCE, Maria Beatriz & MEDEIROS, Isabel Leticia Pedroso. **Gestão Escolar Democrática: Concepções e Vivências**. Porto Alegre: URRGS, 2006.
- LUCK, Heloisa. **A Escola Participativa - O trabalho do Gestor Escolar**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. São Paulo: Pedagógica e Universitária, 1986.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas**. 2ª reimpressão. São Paulo: EPU, 2004.
- MELLO, Elena Maria Billig. Gestão da Educação Básica: ausências e emergências. In: CAMARGO, Ieda de (org). **Gestão e políticas da educação**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC. 2006.
- MÉLLO, R. P. et al. **Construcionismo, práticas discursivas e possibilidades de pesquisa**. *Psicologia e Sociedade*, v.19, n.3, p. 26-32, 2007.
- MORAES, Roque. **Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva**. *Ciência & Educação*, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

- MORAES, Roque. **Análise de conteúdo**. Revista Educação, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, 1999. Disponível em: [http:// cliente.org.br](http://cliente.org.br). ACESSO EM:30/03/2013
- NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. 2 ed. Porto: Porto Editora,1992. ISBN 972-0-34104-1
- NÓVOA, A. **Os professores e as histórias de vida**. In: NÓVOA, A.(Org.). Vidas de professores. 2 ed. Porto: Porto, 1992. ISBN 972-0-34104-1
- OLIVEIRA, Inês Barbosa de (Org.). **A Democracia no Cotidiano Escolar**. Rio de Janeiro: DP&A.,1990.
- OLIVEIRA, M.A.M. (org) **Gestão Educacional- Novos Olhares, Novas Abordagens**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2005.
- OLIVEIRA, Aurelina Sandra Barcellos, ROCHA, Carlos Cezar Gonçalves, SANT'ANA, Dagilza Lopes e [et al] . **Gestão democrática na escola pública: ação sócio-pedagógica que se faz ao caminhar**. Escola de gestores da educação básica: democracia, formação e gestão escolar: reflexões e experiências do Programa Nacional Escola de Gestores da Educação Básica no Estado do Espírito Santo - Vitória: GM, 2ª edição - 2010.
- ORSO, José Paulino; GONÇALVES, Sebastião Rodrigues; MATOS, Valci Maria (Org.). **A educação na sociedade de classes..** São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- PANTALEÃO, E. **Formar formando-se nos processos de gestão e inclusão escolar**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-graduação em Educação, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.
- PARO, Vitor Henrique. **Gestão democrática da escola pública**. São Paulo: Ática, 2002.
- Programa de saúde da Universidade Federal do Ceará. Disponível em: <http://m.prosaufc.webnode.com.br/>
- PARO, V.H. **Administração Escolar- Introdução Crítica**. 13ª edição. São Paulo: Cortez, 2005.
- SACONNI, Luiz Antônio. **Grande Dicionário Sacconi da língua portuguesa: comentado, crítico e enciclopédico**. São Paulo: Nova Geração, 2010. ISBN 978-85-7678-087-8.
- SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1986.
- SILVA, Benedito. **Dicionário de Ciências Sociais**. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1987.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- TELES Maria Luiza. **Educação: a reconstrução necessária**. Petrópolis: Vozes, 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nilbaldo da Silva (Org) e NETO, Vicente Molina. **A pesquisa qualitativa na Educação Física: Alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Ed.Universidade /UFRGS/Sulina, 1999.

WARSCHAER, Cecília. **Rodas em rede: oportunidades formativas na escola e fora dela**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

WITTMANN, Lauro Carlos. **Gestão democrática do trabalho pedagógico**. Curitiba: IBPEX, 2004.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. **Planejamento: projeto de ensino aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertard, 2002.

VIANNA, Ilca Oliveira de Almeida. **Planejamento Participativo na Escola: Um desafio ao Educador**. São Paulo: EPU, 1986 (Temas básicos de educação e ensino).

VIGOTSKI, L. S. **A formação social da mente**. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

DEMO, P. Educação Científica. **Revista do Senac**. v.36, jan/abr. 2010.

8 APÊNDICES

8.1 APÊNDICE A: Entrevista

QUESTIONÁRIO DIAGNÓSTICO PARA INTERVENÇÃO

Universidade Federal do Pampa
Programa de Pós-Graduação em Educação
Mestrado Profissional em Educação

Projeto de Intervenção: “A gestão das aprendizagens na escola: compromisso ético de todos”

Orientador: Prof. Dr. Lúcio Jorge Hammes

Diagnóstico da Intervenção

QUESTIONÁRIO SEMI-ESTRUTURADO

Caro(a) participante!

Estou desenvolvendo um trabalho de intervenção educacional como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação, pela UNIPAMPA/Jaguarão. O presente questionário tem por objetivo investigar temas importantes a este trabalho, com a finalidade de contribuir para a compreensão da temática “A Gestão das Aprendizagens como compromisso ético de todos na escola”.

A utilização das respostas é estritamente acadêmica e você não será identificado(a).

Estou à disposição para dirimir quaisquer dúvidas quanto ao questionário antes de sua participação.

Agradeço antecipadamente sua colaboração!

Parte I- Dados Pessoais

1.1 Idade: _____

1.2 Sexo: () Feminino () Masculino

1.3 Formação (Graduação e Pós-graduação, se houver): _____

Parte II- Atuação Profissional e Experiência

2.1 Há quanto tempo você atua na Educação? () 1 a 5 anos () 05 a 10 anos
() mais de 10 anos

2.2 Tempo de docência: () 1 a 5 anos () 05 a 10 anos () mais de 10 anos

2.3 Em caso de não atuar como docente, qual função executa nesta escola? _____

2.4 Tempo de atuação nesta escola: _____

2.5 Em quantas escolas você trabalha atualmente? () 01 () 02 () 03

Parte III- Formação Continuada

3.1 Como se deu a sua formação inicial? _____

3.2 Após o término do seu curso de formação inicial, você frequentou algum outro curso na área educacional? Qual/Quais?

Temática(s): _____

3.3 Você costuma participar de cursos, seminários, palestras, entre outros encontros que discutam as temáticas educacionais? () sim () não

3.4 Se sim, com que periodicidade? _____

Parte IV- Questões Abertas

4.1 Qual sua opinião sobre as causas para as não-aprendizagens na escola hoje?

4.2 Comente sobre os principais desafios presentes na escola atualmente:

4.3 Em sua opinião, quais são os maiores desafios no processo ensino-aprendizagem, nesta escola:

a) Estrutura da Escola

() estrutura física/ arquitetônica

() mobiliário

b) Formação Docente

() organização/ planejamento didático- metodológico

() fundamentação teórica

() problemas de relacionamento interpessoal em sala de aula

() organização curricular

c) Postura dos envolvidos

() falta de participação da família

() falta de comprometimento dos professores

() falta de compromisso dos gestores(escola, coordenadoria estadual de educação, SEDUC, etc)

4.4 O que você entende por ética no contexto da escola? _____

4.5 Quais assuntos você deseja compreender melhor e que seriam suas sugestões para as rodas de conversa?

() Identidade Profissional Docente

() Educação x Tecnologia

() Gestão Democrática

() Função Social da Escola

() O papel de cada um na escola

() Organização Curricular

() Avaliação

() Relacionamento Interpessoal

() Metodologia

Outras:

8.2 APÊNDICE B: Termo de Consentimento Livre Esclarecido

Título do Projeto: “A gestão das aprendizagens na escola: compromisso ético de todos”

Pesquisador responsável: Graciela Andrade Bevilaqua

Orientador: Prof. Dr, Lúcio Jorge Hammes

Instituição: Universidade Federal do Pampa- Campus Jaguarão

Telefone celular do pesquisador responsável: (55) 99685679

O Sr./Sr^a/ Você está sendo convidado(a) para participar, como voluntário(a), em uma pesquisa: “A gestão das aprendizagens na escola: compromisso ético de todos”(projeto de intervenção), que tem por objetivo oportunizar aos educadores da Escola Estadual Eduardo Vargas, momentos de reflexão acerca da sua prática pedagógica frente aos desafios das não-aprendizagens dos alunos.

Essa pesquisa justifica-se pela tentativa de contribuir tanto no processo de formação continuada dos professores e gestores, quanto em suas práticas administrativas e pedagógicas na escola, a fim de se reconhecerem como corresponsáveis pelo processo de ensino e aprendizagem, interferindo positivamente na melhoria da qualidade da educação na escola pública.

Por meio deste documento e a qualquer tempo o Sr./Sr^a/Você poderá solicitar esclarecimentos adicionais sobre o estudo, em qualquer aspecto que desejar. Também poderá retirar seu consentimento ou interromper sua participação, sem sofrer qualquer tipo de penalidade ou prejuízo.

Após ser esclarecido (a) sobre as informações a seguir, no caso de aceitar fazer parte do estudo, assine ao final deste documento, que está em duas vias. Uma delas é sua e a outra será arquivada pelo pesquisador responsável.

O método da intervenção terá como referência a questão da gestão das aprendizagens na escola e a ética no contexto escolar, trazendo a colaboração de autores que pesquisam sobre o tema. Serão em forma de encontros, onde os participantes voluntários dialogarão e produzirão registros. Não ocorrerá qualquer tipo de dano que possa vir a lhe prejudicar ou prejudicar a sua atividade profissional. A proposta desta pesquisa é benéfica e pensada para a prática pedagógica dos professores.

As atividades serão mediadas pela pesquisadora e com base nas questões do questionário e ficha de conhecimento, onde os voluntários serão convidados a se colocar e manifestar suas experiências. Para participar deste estudo o Sr./Sr^a/Você não terá nenhum custo, nem receberá qualquer vantagem financeira.

Os gastos necessários para sua participação na pesquisa serão assumidos pela pesquisadora, bem como, todo e qualquer recurso utilizado na intervenção. Seu nome e identidade serão mantidos em sigilo e os dados da pesquisa serão armazenados pela pesquisadora responsável. Os resultados poderão ser divulgados em publicações científicas, ou outra forma de divulgação.

Esses resultados serão apresentados na conclusão e disponibilizados para a comunidade escolar desta instituição.

Nome e assinatura do Participante da Pesquisa

Lúcio Jorge Hammes
Responsável pela pesquisa

Graciela Gonçalves Andrade
Mestranda em Educação

Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, entre em contato: Comitê de Ética em Pesquisa- CEP/UNIPAMPA- Campus Uruguaiana- BR 472, Km 592, Prédio Administrativo- Sala 23, Cep 97500-970, Uruguaiana- RS. Telefone (55)34134321- Ramal 2289 ou ligações a cobrar para (55) 84541112

8.3 APÊNDICE C: Ficha com dados de identificação dos participantes

FICHA “CONHECENDO VOCÊ”

Nome completo:

Tempo de atuação no magistério:

Graduação: (manifeste ano de conclusão)

Pós- Graduação: (manifeste o ano de conclusão)

Função que exerce nesta Escola: (se for docente ou auxiliar de turma, manifeste com que ano trabalha)

Estás estudando atualmente? Especifique:

Obs.: 1º) Teremos um encontro antes das rodas de conversa propriamente ditas, que será no dia 3 de agosto de 2016, às 16h, no refeitório da escola, onde saborearemos um café, com a finalidade de nos conhecermos melhor e apresentar a dinâmica de trabalho desenvolvida nos próximos encontros.

2º) Esta é uma proposta de trabalho desenvolvida no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Educação, com foco intervencionista pela Universidade Federal do Pampa, campus Jaguarão, com o consentimento da Direção da Escola Estadual de Ensino Fundamental Eduardo Vargas.

A sua presença será fundamental para mim, para você e para todos nós.

Desde já, obrigada!!

Estarei à disposição para quaisquer esclarecimentos pelos contatos:

gracielandrade1@gmail.com ou (55)99685679

Graciela Andrade

Mestranda em Educação/ UNIPAMPA- Campus Jaguarão

8.4 APÊNDICE D: Convite aos participantes

CONVITE

É com muita alegria que gostaria de convidar você para um café, que tem por objetivo nos conhecermos melhor e apresentar minha proposta de trabalho para nossos próximos encontros.

Dia:

Horário:

Local: Refeitório da Escola

Conto com sua presença!!

Graciela Andrade

Mestranda em Educação

UNIPAMPA- Campus Jaguarão

8.6 APÊNDICE E: Modelo de registro do portfólio ao final das atividades

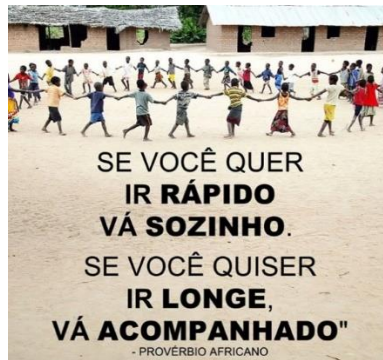
“Ninguém educa ninguém, os homens se educam em comunhão” (Paulo Freire)

Questionamentos para pensar em duplas:

- Que relações podemos estabelecer entre a história e a nossa temática de hoje?

- De que forma identificamos o papel de cada um na história?
- Que relações podem ser estabelecidas entre a história e nosso cotidiano escolar?

Construção de um painel tendo como motivação o provérbio:

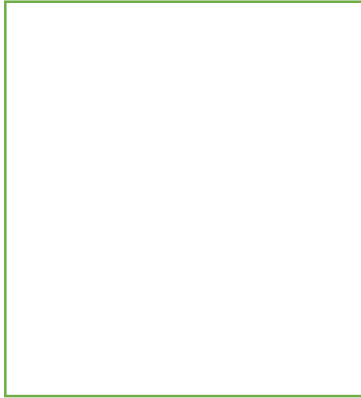


O que ficou do encontro de hoje?

Qual é o papel de cada um na construção de uma relação ética na gestão das aprendizagens da nossa escola?

8.7 APÊNDICE F: Modelo da carteira de identidade

CARTEIRA DE IDENTIDADE



FOTO

NOME: _____

FILIAÇÃO: _____

NATURALIDADE: _____



POLEGAR DIREITO

DATA DE NASCIMENTO: ____/____/____

DATA DE EXPEDIÇÃO: ____/____/____

ASSINATURA: _____